



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

VANESSA BATISTA CORDEIRO DA CUNHA

**UMA HISTÓRIA A SE CONTAR: BANDA SANTA CECILIA DA POLÍCIA MILITAR
DE ARRAIAS – TOCANTINS**

Arraias, TO
2022

Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

**Uma história a se contar: banda Santa Cecilia da Polícia Militar
de Arraias – Tocantins**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Campus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Roseli Paes dos Santos

Arraias, TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B333h Batista Cordeiro da Cunha, Vanessa.

Uma história a se contar: banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias – Tocantins. / Vanessa Batista Cordeiro da Cunha. – Arraias, TO, 2022.

73 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2022.

Orientadora : Ana Roseli Paes dos Santos

1. Banda Militar. 2. Música. 3. Preservação Musical. 4. Grupos instrumentais. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

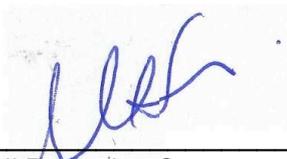
Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

**Uma história a se contar: banda Santa Cecilia da Polícia Militar
de Arraias – Tocantins**

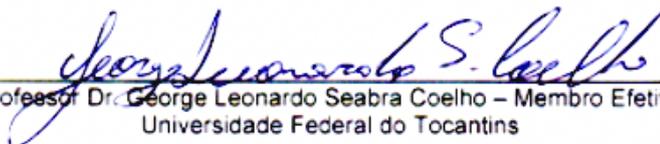
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Campus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 15 de novembro de 2022.

Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Ana Roseli Paes dos Santos. – Presidente (Orientadora)
Universidade Federal do Tocantins



Professor Dr. George Leonardo Seabra Coelho – Membro Efetivo
Universidade Federal do Tocantins



Prof. Dr. Wilson Rogério dos Santos
Universidade Federal do Tocantins

Dedico esta monografia, primeiro, a Deus, aos meus pais pelo exemplo de coragem, persistência e simplicidade em suas metas que com muito carinho me ensinaram o caminho da justiça e a mim mesma por buscar por fontes para minhas inspirações e a todos os meus colegas que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem ao longo do curso e pelo incentivo para a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças e a coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso e que me socorreu espiritualmente, dando-me serenidade para continuar.

A minha família, amigas, amigos e meu namorado por estarem sempre ao meu lado me incentivando.

A professora Dr. Ana Roseli Paes dos Santos, minha orientadora, por ter acreditado na possibilidade da realização deste trabalho, pelo seu incansável e permanente encorajamento, pela disponibilidade dispensada e sugestões que foram preciosas para a concretização desta monografia.

A meu pai, minha mãe e meus irmãos e irmãs com eles compartilho a realização deste trabalho que é um dos momentos mais importantes da minha vida. *In memoriam* ao senhor Henrique Fonseca de Oliveira.

A todos(as) da UFT que permitiram que eu chegasse aonde estou.

Agradeço, especialmente, aos professores que me incentivaram a continuar lutando com garra e coragem.

RESUMO

Este trabalho apresenta as atividades desenvolvidas no trabalho de conclusão de curso e ao mesmo tempo para o PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica) da Universidade Federal do Tocantins e esteve vinculado ao projeto temático *Preservação Digital de Sonoridades e Músicas do Sudeste Tocantinense*. Teoricamente, o trabalho está fundamentado na área da Etnomusicologia, desenvolvido por meio de um estudo de caso que fez uso da pesquisa documental e de entrevistas. O objetivo principal da investigação foi estudar a trajetória histórica, a formação musical dos seus integrantes e a função social da Banda Santa Cecília da 1ª Companhia Independente da Polícia Militar de Arraias – TO, com o objetivo de preservar e salvaguardar a sua cultura, a sua memória musical, a sua sonoridade e a identidade cultural das pessoas que a fundaram. Os resultados do estudo demonstram a preocupação e a consternação dos primeiros músicos com a preservação não apenas do material musicológico – partituras e arranjos –, mas com as memórias sonoras, a função social e a maneira como a banda se configurava enquanto um dos contextos possíveis de se estudar música fora dos espaços das organizações sociais, das escolas especializadas e dos conservatórios. Após o tratamento audiovisual das entrevistas e de algumas gravações de *performance* da banda, o material será encaminhado para compor o *repositório digital de sonoridades e músicas do sul tocantinense*, um espaço de livre acesso, que será destinado a pesquisas científicas e produções acadêmicas.

Palavras-chave: Banda Militar. Música. Preservação Musical.

ABSTRACT

This paper presents the activities developed in the final project of the course and at the same time for the PIBIC (Institutional Program of Scientific Initiation Scholarship) of the Federal University of Tocantins and was linked to the thematic project Digital Preservation of Sounds and Music of Southeast Tocantins. Theoretically, the work is based on the area of Ethnomusicology, developed through a case study that used documentary research and interviews. The main objective of the investigation was to study the historical trajectory, the musical formation of its members and the social function of the Banda Santa Cecília of the 1st Independent Company of the Military Police of Arraias - TO, with the objective of preserving and safeguarding its culture, its musical memory, its sound and the cultural identity of the people who founded it. The results of the study demonstrate the concern and dismay of the first musicians regarding the preservation of not only the musicological material – scores and arrangements – but also the sound memories, the social function and the way in which the band was configured as one of the possible contexts for studying music outside the spaces of social organizations, specialized schools and conservatories. After the audiovisual treatment of the interviews and some recordings of the band's performances, the material will be sent to compose the digital repository of sounds and music from southern Tocantins, a freely accessible space that will be destined for scientific research and academic productions.

Keywords: Military Band. Music. Musical Preservation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Banda de Santa Cecília de Arraias enfrente a Igreja Nossa Senhora dos Remédios na praça principal da cidade de Arraias/TO.....	12
Figura 2 – Reprodução da Obra de Alexandre Rodrigues Ferreira	14
Figura 3 – Gravura de Thomas Ewbank: banda de negros composta por bumbo, trompa, clarim, flauta e charabela, 1846 no Catete, Rio de Janeiro.....	16
Figura 4 – Banda De Músicos Negros Escravos De Antônio Luís De Almeida (RJ).....	17
Figura 5 – Banda 8 de Setembro.....	33
Figura 6 – Banda da 1ª Companhia Independente de Polícia Militar de Arraias/TO no desfile de 7 de setembro de 201.....	36
Figura 7 – Apresentação da Banda Santa Cecília em frente do Museu da cidade de Arraias/TO.....	38
Figura 8 – Apresentação da Banda Santa Cecília na Praça Principal da Cidade de Arraias/TO.....	39
Figura 9 – Alguns componentes da Banda Santa Cecília tocando no Carnaval de Arraias no ano 2019.....	40
Figura 10 – Banda de Santa Cecília desfilando pelas ruas dos bairros da cidade de Arraias.....	43
Figura 11 – Alvorada na frente da Igreja Nossa Senhora dos Remédios.....	44
Figura 12 – Vista da frente do prédio do Batalhão da Polícia Militar de Arraias/TO.....	45
Figura 13 – Membros da Banda Santa Cecília sendo homenageados na Câmara Municipal de Arraias/TO.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO DA LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 As bandas civis: síntese histórica	13
2.2 As bandas militares: síntese histórica	19
2.3 As bandas como lugares democráticos de construção de saberes	25
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	27
3.1 Problemática	28
3.2 Objetivos	28
3.2.1 Geral	28
3.2.3 Específicos	29
3.3 Procedimentos	29
3.3. 1 A banda como estudo de caso	30
3.3.2 Entrevistas semiestruturadas	31
3.3.3 Participantes da pesquisa	32
3.3.4 Análise de documentos	32
4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	32
4.1 A Banda de Santa Cecília de Arraias	32
4.2 Contextos funcionais, espaços e repertórios	45
4.3 A festa da padroeira e a banda	47
4.4 A alvorada	48
4.5 A procissão	49
4.6 As festas populares	49

CONCLUSÕES	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	54

1 INTRODUÇÃO

Em muitas cidades do interior do Brasil, é possível observarmos a existência de bandas de música. Algumas são civis, outras militares e participam vivamente em muitas festividades das comunidades. No município de Arraias – TO não é diferente. A Banda da 1ª Companhia Independente da Polícia Militar era presença obrigatória nas festas do município e no entorno durante o Carnaval. Entretanto, a partir de 2019, a banda se desfez e os militares músicos foram alocados para outras atividades, fazendo parecer que esse agrupamento musical, sua história e sua função social não tivessem nenhuma representatividade para a comunidade. Diante disso, surgiram vários questionamentos: qual é a importância dessa banda para a comunidade? Qual é a sua função na comunidade? Qual é a sua história? Qual será seu futuro?

Para responder a essas questões, desenvolvemos um estudo de caso, fazendo uso de entrevistas narrativas, de levantamento bibliográfico, documental e audiovisual, com a possibilidade de se conseguir algum registro sonoro e documental para compor um arquivo digital de músicas e sonoridade inerentes a esse agrupamento e, dessa maneira, preservar a memória musical e cultural da Banda de Santa Cecília da cidade de Arraias no Tocantins.

Na atualidade, é difícil falar de banda de música no Brasil sem se referir, também sobre a história das bandas civis e militares, especialmente quando tratamos da formação musical instrumental fora do contexto da escola especializada e dos conservatórios, como é o caso das bandas filarmônicas e militares. A contribuição dessas instituições para a formação da sociedade, da cultura e, em especial, para o ensino musical é incontestável. Porém, existem poucos estudos que retratam esse contexto, especialmente das bandas militares no Brasil. Alguns autores têm se destacado na literatura especializada, como é o caso de Joel Barbosa (1994), José Coelho de Almeida (2004), Fernando Binder (2006), entre alguns outros. Essa situação pode representar uma base de dificuldade para se estudar a trajetória desses agrupamentos musicais, denominados bandas. Assim, desenvolvemos um estudo de caso que nos possibilitou conhecer e estudar a história e a formação musical desses grupos, a função social e a maneira como eles têm se configurado como um dos contextos possíveis de se estudar música fora dos espaços das organizações sociais, das escolas especializadas e dos conservatórios.

A motivação para desenvolver o trabalho de pesquisa sobre a história, a função social e musical da Banda Santa Cecília da 1ª CIPM de Arraias – TO partiu da importância, da representatividade e da presença constante desse grupo nas festas cívicas e religiosas da comunidade de Arraias – TO. Entretanto, esse agrupamento musical entrou em dissolução por vários motivos, entre eles a aposentadoria de muitos membros e a não reposição do quadro, a transferência de localidade e de função etc., não existindo um historial sobre a banda, situação que colabora para o desaparecimento no tempo de uma sonoridade que fez parte da sociedade arraiana desde há muito tempo. Esperamos que o estudo sobre esse caso possa contribuir para preservarmos a memória musical desse agrupamento, que teve uma forte participação na sociedade arraiana. A figura 1 Banda de Santa Cecília de Arraias enfrente a Igreja Nossa Senhora dos Remédios na praça principal da cidade de Arraias – TO

Figura 1 – Banda de Santa Cecília de Arraias enfrente a Igreja Nossa Senhora dos Remédios na praça principal da cidade de Arraias – TO



Fonte: Acervo pessoal tenente Nilton Sérgio de Oliveira (2010).

Esta monografia está dividida em três partes: a primeira concentra uma revisão da literatura e apresenta os aportes teóricos, a segunda trata da metodologia do estudo de caso e a terceira constitui-se do relato de caso da Banda Santa Cecília de Arraias.

2 REVISÃO DA LITERATURA

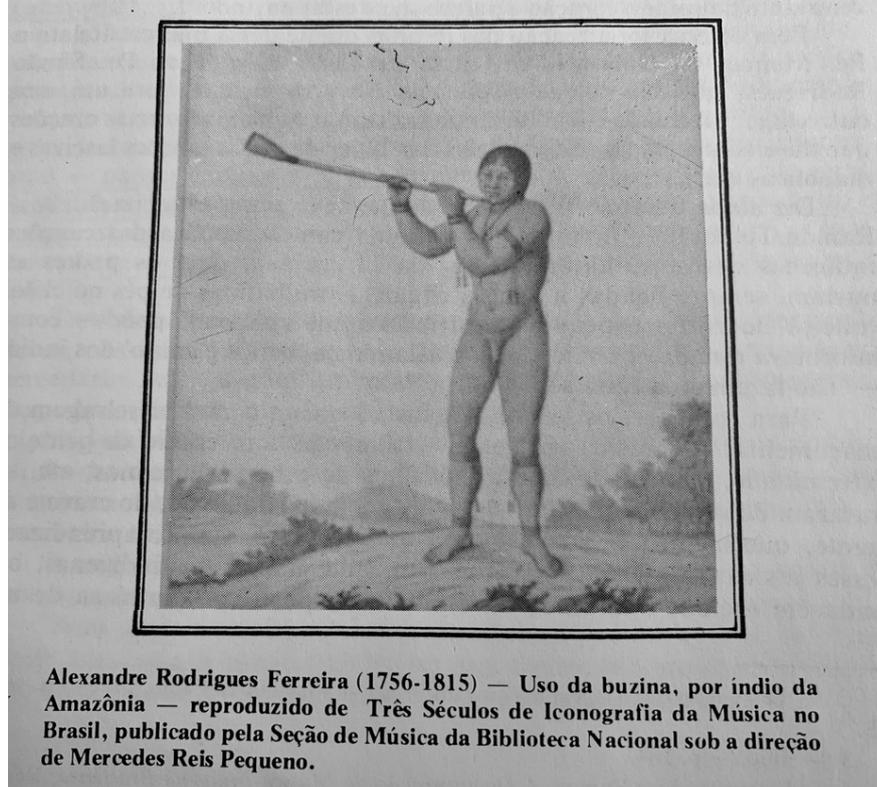
2.1 As bandas civis: síntese histórica

A literatura indica a existência de grupos de instrumentistas de sopros desde a Grécia antiga e na Idade Média, registrados em evidências a partir das pesquisas em paleontologia e arqueologia musical, mas preferimos estabelecer um recorte sobre a história das bandas ou de grupos de instrumentos de sopro no Brasil a partir do descobrimento, principalmente com base nos estudos de Fernando Pereira Binder (2006) cuja sua dissertação de mestrado é um trabalho referenciado por muitos autores que o sucederam. Binder diz haver “indícios que mostram a existência de bandas de música no Brasil com padrões instrumentais semelhantes àqueles encontrados em Portugal, antes da chegada da corte portuguesa ou da banda da brigada da Real da Marinha” (Binder, 2006, p. 24).

No entanto, Bruno Kiefer (1977, p. 9) diz que a fonte de informação sobre a música na época do descobrimento é a visão e os relatos de portugueses e estrangeiros que por aqui passaram ou se estabeleceram. Comenta que na Carta de Pero de Vaz de Caminha há menção de indígenas tocando em grupo “buzinas” após a missa, figura n. 2.

A mais antiga dessas referências, sumariíssima, é encontrada na famosa Carta A El Rey Dom Manuel, de Pero Vaz de Caminha, escrita “Deste Porto Seguro, da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500”. Diz aí o missivista, em certa altura, referindo-se aos índios: “E olhando-nos, assentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço” (Kiefer, 1977, p. 9)

Figura 2 – Reprodução da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira



Fonte: Kiefer, Bruno (1977, p. 9).

Em outra passagem, Kiefer refere-se a José Ramos Tinhorão e sua obra de 1972 *A deculturação da Música Indígena Brasileira*, citando-o: “Para começar, os jesuítas, assustados com o caráter selvagem do instrumental da música indígena – trombetas com crânio de gente na extremidade, flautas de ossos, chocalhos de cabeças humanas etc.” (Kiefer, 1977, p. 10).

Depois, esse autor fala sobre o “negro-escravo-músico” e nos chama a atenção dizendo que a definição de músico, nesse caso, é o executante de “música europeia, importada ou criada aqui (Kiefer, 1997, p. 14) e, para ilustrar essa passagem comenta que

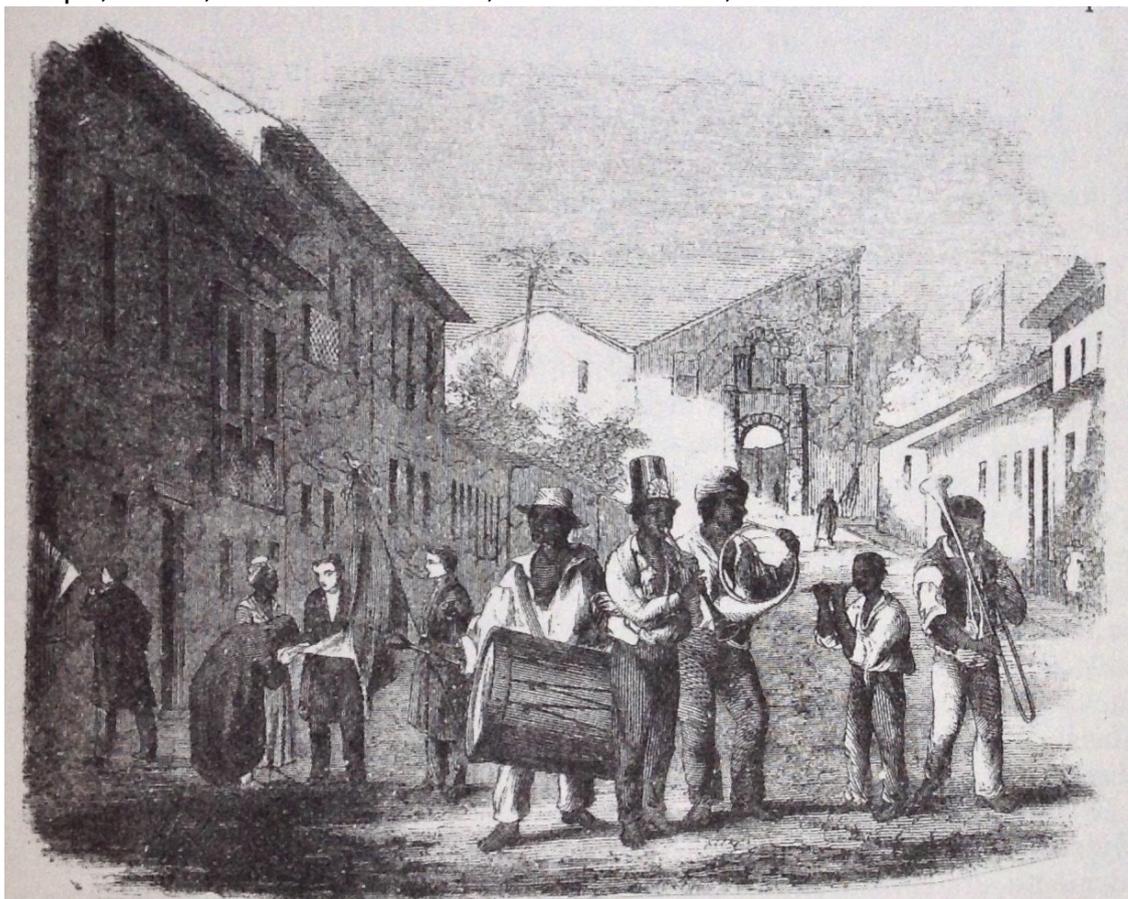
Renato Almeida ilustra um caso: “[...] visitando a Bahia, em 1610, o francês Pyrard de Laval cita um potentado de então, cujo nome não menciona. Mas diz ter sido capitão-general de Angola, o qual possuía uma banda de música de trinta figuras, todos negros *escravos*, cujo regente era um francês provençal (Almeida, 1942, p. 291 *apud* Kiefer, 1977, p. 14)

Desse modo, Kiefer vai tecendo comentários sobre a vida música e os conjuntos de instrumentos no século XVIII. Em Pernambuco, destaca o conjunto dos charamelleyros das festividades da Senhora do Rosário. No Recife, existe documentação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos sobre charamelleyros, entre outros instrumentos como as trompas e trombetas, datada de 1709 e a marimba tocada pelos negros. Na Bahia, Regis Duprat comenta que no período colonial existiam os “*solfistas* negro ou mulato mantidos nas bandas” (Duprat *apud* Kiefer, 1977, p. 15). Ele apresenta também em seus estudos evidências de práticas musicais na Sé de Salvador desde 1551. Curt Lange dizia que em Villa Rica e Mariana, no período colonial e afora, “era coisa normal, coisa de bom tom e sinal de distinção, ter negros *choromelleyros* no inventário duma casa abastada” (Lange *apud* Kiefer, 1977, p. 15). No Pará, Vicente Salles testemunhou que “[...] alguns senhores de engenho acumularam vastas riquezas e possuíam grande número de escravos. Havia escravos chameleiros que com seus instrumentos musicais, alegravam as festas” (Salles *apud* Kiefer, 1977, p. 15).

Portanto, desde a colonização, já existiam no Brasil agrupamentos de sopros. Duprat encontrou e traduziu vários documentos da Sé de Salvador da década de 1760, relatando o cortejo do casamento de D. Pedro onde chameleiros e trombetas com atabaes e trompas desfilavam pelas ruas.

Abaixo, duas figuras ilustrativas de bandas de escravizados da cidade do Rio de Janeiro, figura 3 e figura 4.

Figura 3 – Gravura de Thomas Ewbank: banda de negros composta de bumbo, trompa, clarim, flauta e charamela, 1846 no Catete, Rio de Janeiro



Fonte: JEHA, 2017, p. 24¹.

¹ “Uma banda de negros, consistindo de dois corneteiros, três tambores, uma clarineta e um flautim emergiam e recomeçavam a tocar uma valsa”. Sobre a coleta de esmolas para a festa do Divino Espírito Santo em 17 de abril de 1846 no Catete, Rio de Janeiro. A gravura publicada no livro de Ewbank foi publicada originalmente no livro de BUVELOT, Louis; MOREAU, Auguste. **Brazil pitoresco de 1845**. In: EWBank, Thomas. **Life in Brazil**. Nova York: Harpers & Brothers, 1856, p. 250.

Figura 4 – Banda de Músicos Negros Escravos de Antônio Luís de Almeida – RJ



Fonte: Laboratório de História Oral e Imagem².

Embora a iniciação das bandas no Brasil remonte às práticas musicais do período colonial e que tivessem uma formação diversificada, para Vicente Salles (1985), essa configuração mais moderna das bandas só aconteceu após a data de 1800 com a instalação da corte portuguesa no Brasil. Esta ideia é corroborada por Binder (2006) que menciona “Este processo acompanhava novas formas da cultura aristocrática europeia, compartilhada pela oficialidade luso-brasileira [...]” (BINDER, 2006, p. 125). Assim, as bandas vieram suprir a necessidade da corte em solenizar as festas reais e ainda hoje elas têm essa função. Grande parte dos autores consultados para esse estudo vinculam o surgimento das bandas civis às bandas militares, e a partir do século XIX as associações civis começaram a surgir um pouco por todos os lados, tanto nos grandes centros como nas pequenas cidades interior. Eles evidenciam que as bandas civis foram incorporando traços militares como a

² "BANDA de música dos escravos de Antônio Luís de Almeida, genro e cunhado de Manuel de Aguiar Vallim, conhecida em Bananal como ""Banda do Tio Antoniquinho"", regida pelo maestro Wiltem Sholtz. Entre outros tocavam na banda dos ""pretos"" Bernardo, Eduard. **Laboratório de História Oral e Imagem**. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/banda-de-musica-dos-escravos-de-antonio-luis-de-almeida-genro-e-cunhado-de-manuel-de-aguiar-vallim>. Acesso em: 4 set. 2023.

disciplina, o uniforme, o repertório e a instrumentação, embora na maior parte das vezes, na banda civil, a instrumentação ideal é a que está disponível.

Assim, a partir da primeira metade do século XIX, as bandas civis começaram a desenvolver um repertório mais diversificado e fazer apresentações em praças públicas, participavam das festividades oficiais, mas começaram a tocar em coretos e a apresentar um tipo de música mais acessível a um grande público. Essas bandas começaram a adotar e a ostentar nomes como Liras, Filarmônicas, Associação, Corporação ou apenas Banda de Música. Elas foram se configurando e sendo consideradas umas das instituições mais populares desse gênero no Brasil. Desde o século XIX, há referências da existência de bandas musicais em quase todo o território brasileiro. Vieira fala que esse tipo de agrupamento foi se organizando fora do âmbito militar e apresentando sistematização diversificada.

As bandas de música civis são os grupamentos musicais compostos por instrumentos de sopro e percussão que funcionam sob um modelo organizacional próprio, subsidiados pelo Estado ou por fundações ou organizações do meio civil, como organizações não governamentais (ONGs) ou associações de músicos (VIEIRA, 2013. p. 51).

Para Nascimento (2012, p. 1.147), as bandas civis ou filarmônicas, diferentemente das bandas militares, sofreram mudança não apenas na instrumentação e nas vestimentas, mas também na denominação. Esses grupos musicais passaram a se autodenominar “orquestra de sopros”, supondo uma tentativa de evitar preconceitos que existiam, arraigados ao pensamento popular que associa imediatamente a banda ao antigo grupo de sopros – “as furiosas” – que se apresentava comumente nos coretos de cidades do interior, com uma sonoridade peculiar, muitas vezes ligada à qualidade dos instrumentos que influenciavam no timbre e na afinação.

Portanto, como afirma Silva (2014, p. 22), ao longo da história, a música vem desempenhando um importante papel no desenvolvimento das diferentes sociedades, contribuindo para a aquisição de valores e hábitos indispensáveis para o exercício da cidadania. Nesse contexto, as bandas, quer sejam militares quer sejam civis, contribuem não apenas por meio das *performances* nas festividades, mas também para uma formação musical.

2.2 As bandas militares: síntese histórica

A dissertação de Binder é um dos trabalhos mais referenciados quando desejamos entender as bandas militares. Ele estudou a história das bandas militares no Brasil entre 1808 e 1889, buscando esclarecer o papel das bandas de música militares no processo de propagação das bandas de músicas no Brasil. Binder buscou conhecer as bandas militares e a sua participação em apresentações cerimoniais e rituais do poder monárquico. Nesse caso, observou suas multiplicações “como parte das re-apropriações destes símbolos de poder” (Binder, 2006, p. 10) e de uma *performance* volta para a elite aristocrata.

Genericamente, banda é um conjunto musical formado por instrumentos de sopro e percussão. Sua instrumentação moderna começou a se estruturar na França quando Jean Baptiste Lully (1632-1687), no reinado de Luís XIV (1638-1715), substituiu por oboés e fagotes as antigas charamelas e dulcianas. Nesta época, as bandas de música atuavam basicamente nas cortes e nas igrejas da elite aristocrata, sem a conotação de conjunto popular que possui hoje (Binder, 2006, p. 8).

Com o passar dos tempos, as bandas militares foram sofrendo várias alterações. Uma delas é o aumento do número de clarinetes, flautins, requintas e trombones que foram adicionados para equilibrar o som, pois havia aumentado também o número em instrumentos de percussão, denominando-as, assim, como bandas mista ou militar.

Mista em referência aos diferentes tipos de instrumentos, madeiras, metais e percussão; militar devido à importância das bandas militares para sua padronização, embora ainda existissem conjuntos nesta configuração que não pertenciam ou eram mantidas por instituições ou oficiais militares. (Binder, 2006, p. 17).

A formação à qual o autor se refere é o acréscimo e a junção dos instrumentos de sopros com os instrumentos de percussão, sendo ambos os instrumentos importantes tanto para a harmonia quanto para a padronização da

banda. Até o século XIX, esse padrão foi adotado pelas bandas militares. Com isso, elas exerciam diversas funções, como sinal de alerta, marchar etc.

Embora existisse a presença de bandas de músicas desde o século XVIII em Portugal, como comenta Binder (2006, p. 23), “Apesar das bandas de música em Portugal remontarem a meados do século XVIII, o repertório musical mais antigo permanece praticamente desconhecido”. O autor aponta para o ano 1809 para dar um exemplo de música portuguesa composta para banda, com a obra de Marcos Paulo, o Hymno Patriótico da nação portuguesa que foi mais tarde publicado em 1810. A instrumentação utilizada nessa composição foi: a requinta flajolé, o clarinete em si bemol, a trompa em mi bemol, trompetes em si bemol, dois fagotes, serpentão e o bumbo.

A respeito da história da banda no Brasil, há alguns relatos de que a presença da banda de música no Brasil está localizada na divisão de manuscritos da Biblioteca Nacional. Segundo esses documentos, a banda veio acompanhando a família real portuguesa para o Brasil. A história portuguesa conta que na família real havia uma predileção por esse tipo de agrupamento musical. D. José I possuía, em 1785, uma charamela constituída de 24 trompetes e percussão. O príncipe regente D. João tinha um apreço especial pela Charamela da Real Armada Portuguesa, de tal maneira que, quando se exilou no Brasil, em 1807, trouxe-a consigo. Nessa ocasião, o músico baiano Damião Barbosa de Araújo integrou a armada e acompanhou a corte portuguesa de Salvador para o Rio de Janeiro.

A banda de música da marinha que veio para o Brasil era o principal grupo musical dessa natureza e que passara a ter um importante papel artístico e cultural nas apresentações musicais, tanto nas atividades reais quanto nas religiosas.

Assim, como já dito anteriormente, as bandas militares tinham como função participar das cerimônias militares, das festas reais, que tinha espaço reservado para as paradas e desfiles das tropas. Segundo Binder,

Desde os meados do século XVII que os conjuntos de trompetes e tímpanos era um índice de classe característico da nobreza européia; algumas cortes contaram com *ensembles* formados por dúzias destes músicos. Este era o caso da corte real portuguesa que, desde 1724, contava com um grupo de 16 músicos, contratados pelo conde de Tarouca por ordem de dom João V (Binder, 2006, p. 35-36).

Os trompetes exerciam um papel muito importante nas bandas militares e, para os conjuntos que atendiam a nobreza, eram um clássico. Com a decadência dos trompetes na segunda metade do século XVIII, as bandas de harmonia começaram a se espalhar pela Europa. A inserção da harmonia nas bandas era de acordo com os hábitos dos oficiais daquela época, pois eram eles que patrocinavam toda a manutenção das bandas de música e às vezes, para a sua manutenção, descontavam dos salários dos oficiais e dos soldados.

Havia também no Rio de Janeiro os músicos escravizados da fazenda de Santa Cruz, época em que era dos padres jesuítas, na década de 1810, onde dos 1.500 escravizados existentes na fazenda, 50 eram músicos. Há informações de que essas capelas de escravizados, como eram chamados esses grupos, já existiam há muito tempo no Brasil. Eram instrumentistas de sopro e percussão, além de serem cantores e instrumentistas de corda. Com essa formação, faziam apresentações em ruas, igrejas e em teatros com escolha dos repertórios e instrumentos adequados para cada ambiente (Binder, 2006, p. 89).

O ano de 1810 foi marcado pela primeira grande festa da monarquia portuguesa no Brasil. Foi o casamento da princesa Maria Tereza, filha de Dom João, com o príncipe espanhol Dom Pedro Carlos de Bourbon. As bandas tiveram grande participação durante o casamento. Outro grandioso evento que teve a participação de duas bandas foi em novembro de 1817, no casamento do príncipe Dom Pedro com a arquiduquesa Austríaca Carolina Leopoldina Josefa. Portanto, a música das bandas militares estava presente, alegrando em todos os momentos da corte.

Binder (2006, p. 57) ressalta ainda que “as bandas militares foram elementos indispensáveis às festas reais. Um traço comum a todas estas cerimônias”. De fato, elas estavam em todos os momentos marcantes. Na coroação de Dom João VI e na entrada de Dona Leopoldina, a música chamou a atenção pela forma como foi executada durante todo o trajeto. Comenta o autor: “À frente do cortejo e ao lado dos arcos na rua Direita, a música foi colocada como se fosse representação sonora da alegria da cidade, que recebia a futura rainha do império luso-brasileiro” (Binder, 2006, p. 55).

As salvas das artilharias, fogos de artifícios, iluminações, cortejos, desfiles comemorações das festas reais, aniversários, em todas essas manifestações a música estava presente, a banda da Armada estava.

As bandas militares foram se multiplicando aos poucos a partir de 1830. Com isso, foram se sistematizando as características das bandas militares como o uso de uniforme, que foi difundido no século XIX. A partir de então, muitas bandas do século XX ainda mantêm essa formação.

Binder refere-se a uma historiografia da legislação administrativa sobre a criação das bandas militares que foi emitida no início do século XIX. Muitos autores fizeram uso dessa legislação para pesquisar e escrever a história das bandas militares, porém como diz o autor (Binder, 2006, p. 83) “não existe estudo sistemático sobre esta legislação, tanto no arrolamento mais abrangente desta legislação como nas possibilidades de análise e interpretação”. Os assuntos referentes às bandas militares foram emitidos no modelo do antigo regime por Dom João, a Carta Régia.

Joelson Pontes Vieira (2013) estudou as bandas militares e suas *performances* na cidade de Goiás no período de 1822-1937. Para este autor o termo banda pode partir de várias fontes de estudo, como técnico instrumental, etimológico, organizacional ou mesmo social. Com isso, o termo “banda” está relacionado à bandeira, as bandeiras iam à frente das tropas, como forma de sinal. Ele define o conceito de banda de música civil como

[...] grupamentos musicais compostos por instrumentos de sopro e percussão que funcionam sob um modelo organizacional próprio, subsidiados pelo Estado ou por fundações ou organizações do meio civil, como organizações não governamentais (ONGs) ou associações de músicos (VIEIRA, 2013, p. 51).

Outro termo que está ligado às bandas são as “charamelas”, que são os grupos de instrumentos de sopros que receberam este nome por causa do som forte dos instrumentos. Esses instrumentistas eram chamados chameleiros. Chameleiros ainda se refere aos barbeiros que exerciam também o ofício de médicos e dentistas. Eram grupos de músicos que, no tempo livre, se apresentavam na frente da igreja dentre outros locais.

Binder (2006, p. 26) afirma que: “até onde nos foi possível examinar, somente na segunda década do século XIX é que a locução adjetiva banda de música passou a ser usada com frequência no Brasil”.

Assim, Joelson Pontes Vieira relata que,

Quando o autor observa, nos antecedentes históricos, que as bandas de música europeias no séc. XVII atuavam no meio aristocrático e não possuíam a conotação de conjunto popular observada nos dias de hoje no Brasil, acaba por sugerir outra perspectiva: a sociológica e histórica; sobre as mudanças por que passaram as bandas de música e as influências sociais que modificaram a forma com que tais bandas foram vistas no contexto social brasileiro desde o início do séc. XIX (Vieira, 2013, p. 50).

Ou seja, as bandas de músicas passaram por grandes transformações, tanto nas modificações de instrumentos, de partituras, de aceitação no meio social, quanto nos diferentes números de integrantes em sua formação. A banda militar, por exemplo, é classificada como pequena banda. Os instrumentos que a compõem são, na sua maioria, de palheta simples, como clarone e saxofone baixo, além de alguns instrumentos de metal e percussão.

O fato de a banda militar utilizar estes instrumentos deve-se à grande intensidade sonora, além da facilidade de carregar e tocar em movimento nos desfiles e na marcha.

Além disso,

Pode-se também fazer outra distinção no campo das variantes institucionais, uma vez que as bandas de música podem ser mantidas ou fazer parte de instituições com características distintas, as quais definem de certa forma, algumas variações em seu funcionamento (Vieira, 2013, p. 51).

As bandas podem manter-se ou não em um determinado local, sendo que cada local possui uma forma ou tipo de tradição a seguir, podendo modificar ou não o repertório e o ritmo das músicas.

No Brasil, as bandas civis possuem o mesmo modelo das bandas militares, “estas não possuem como princípio organizacional e legal os mesmos preceitos, direitos e deveres que as militares, mas se assemelham em algumas de suas atividades” (Vieira, 2013, p. 51).

Já as bandas de música militares, segundo Vieira (2013, p. 51), “são grupamentos musicais presentes nas corporações que integram o Sistema de Segurança Pública, ou Exército, a Marinha, a Aeronáutica, Polícias e os Corpos de Bombeiros Militares”. Estes têm duas principais características: a hierarquia e a disciplina que são os estatutos e os regulamentos das forças militares.

Essas duas características não prevalecem nas bandas civis, o que predomina nelas é a precedência hierárquica, na qual o maestro e o primeiro clarinete ou flautista, que solam e ensinam os demais membros ou naipe. Ambos têm poder de decisão. No meio militar, as decisões são dadas com base na distribuição de postos, por exemplo, coronel, tenente, major, capitão e por aí segue, sendo que suas variações podem mudar.

A disciplina militar é alcançada por meios próprios, uma vez que há penalidades estabelecidas pela legislação.

O funcionamento do grupo, estabelecendo direitos e deveres no desempenho das atividades profissionais específicas e variam de corporação para corporação, mas mantendo, na medida do possível, certa uniformidade cujo modelo hierárquico parte dos Regulamentos do Exército Brasileiro (RDM, 1980, p. 03-04 *apud* VIEIRA, 2013, p. 52).

Sobre os estatutos e os regulamentos do século XIX para o caso das bandas militares, pouco se pode pesquisar, pois ainda não havia uma regência e regulamento para elas. Importante é salientar que o autor traz a informação de que as formações instrumentais das bandas militares (os metais, as madeiras e as percussões) não se restringiam a apresentações apenas dentro das companhias. Elas se apresentavam dentro e fora dos quartéis e em eventos na sociedade.

Vieira (2013) corrobora Binder (2006) sobre a padronização das bandas, dizendo que esse motivo as diferencia das bandas civis, pois estas mantêm um certo padrão, hierarquias e uma disciplina diferenciada.

Já para Gonçalves (2018) a história das bandas no Brasil é uma área recentemente pesquisada. Apesar da importância desses agrupamentos musicais no país, são bastante escassos os estudos, deixando assim uma lacuna para as bases teóricas referentes a essa temática. Ao contrário do que acontece no contexto

brasileiro, na Inglaterra ou nos Estados Unidos da América, por exemplo, existe um sólido trabalho sistemático sobre este tipo de agrupamento.

A historiografia concernente as “bandas de música militares”, principalmente aos trabalhos científicos voltados a pesquisa das bandas de música instituídas nas corporações policiais militares, ainda são poucas se levarmos em consideração que em todos os estados existentes no Brasil durante o século XIX foram criadas bandas de música em suas instituições militares policiais (Gonçalves, 2018, p. 905).

Para Gonçalves esses poucos estudos e pesquisas sobre as bandas, especialmente das polícias militares no Brasil, remetem ao estudo sobre as leis que regem e dão origem às corporações policiais e suas funções cívicas e sociais. O autor cita como exemplo as bandas do exército britânico.

A discussão sobre a constituição das bandas iniciais no exército britânico e suas mudanças no decorrer do século XIX, a reflexão acerca de quem eram os soldados e os músicos que faziam parte das bandas, quais os regimentos que criaram os grupos musicais ou os instrumentos usados nestes espaços, foram alguns dos assuntos abordados neste livro e com os quais estabelecemos conexão com a realidade local da banda da polícia cearense (Gonçalves, 2018, p. 910).

2.3 As bandas civis como lugares democráticos de construção de saberes

As bandas civis, no caso brasileiro, ou filarmônicas, no caso português, são instituições culturais, uma vez que muitas são associações, com estatuto e com registro em cartório. Geralmente constituídas por amadores de diferentes classes sociais. Algumas são centenárias, constituindo-se em um lugar de memórias, no qual as representações simbólicas e rituais são materializadas. Em muitas cidades, elas têm se caracterizado como escolas ou conservatórios especializados em ensinar música. Contribuem significativamente para a formação musical de jovens, crianças e adultos, colaborando para uma interação geracional. Elas possibilitam a formação gratuita tanto em nível teórico quanto prático, para além da prática de conjunto. Esses agrupamentos são constituídos de músicos de diferentes idades,

nos quais se desenvolvem a amizade, o espírito de grupo e a solidariedade, para além de serem um espaço de socialização, pois em algumas vezes é possível observar músicos de uma mesma família, avós, filhos netos sobrinhos. Muitas vezes esse convívio pode representar uma motivação para a prática musical. Um dos objetivos desse grupo musical é desenvolver um papel social, cultural e educativo, principalmente nas cidades do interior que não dispõem de escolas públicas de música. Assim, essas instituições são responsáveis pela educação musical no nosso país e muitas vezes o fazem sem a ajuda do Estado. Pelas bandas civis passaram e ainda passam muitos músicos de sopro que se destacam e que têm uma carreira seja na *performance* seja na academia.

Portanto, as bandas podem constituir-se de um número variado de elementos e de instrumentos, geralmente essa instrumentação está muito mais ligada à disponibilidade do que se tem do que em uma instrumentação ideal do ponto de vista técnico. Apresentam-se fardados, embora sejam civis, sob a direção musical de um maestro que tem como função a seleção, a aquisição, a transposição e o arranjo da maior parte do repertório, a calendarização e a realização dos ensaios, a direção em concertos, o acompanhamento nas arruadas e é também responsável pelo ensino da música na instituição.

A aprendizagem da música, de modo geral, mas também na banda tem um potencial formativo importante, especialmente nas dimensões cívica, social, cultural, artística e humana.

Matos (2012, p. 39) enfatiza que o incentivo à “aprendizagem de um instrumento musical na adolescência favorece diversas habilidades motoras e auditivas e abre caminho a uma carreira profissional ligada à música”.

A aprendizagem musical nas bandas depende de muitos fatores, desde o recrutamento ou da procura pelo interessado, a mobilização dos músicos. A assiduidade dos participantes, a convivência intergeracional, a partilha nas relações humanas, pois é entendimento geral de cada um que desempenha um papel imprescindível para um bom funcionamento do todo.

Assim, a banda desempenha um papel importante no ensino da música, constituindo um *locus* para a educação musical não apenas em nível da formação musical, mas também em nível da sua relação interpessoal e integração social dos seus elementos, pois saber respeitar o outro é fundamental nesse contexto, saber esperar a sua vez de tocar, trabalhar em equipe, ensinar e aprender com o outro.

O modo de ensinar nas bandas está longe de ser não formal ou informal, pois utiliza uma metodologia própria que está fundamentada no ensino em grupo, ou seja, no ensino coletivo do instrumento musical.

Alguns autores indicam que o método de ensino nas bandas apresenta alguns benefícios, tais como um ambiente de trabalho favorável e cooperativo, realiza atividades que integram a família, a comunidade e o grupo musical, uma relação mais próxima entre professores e alunos, estímulo para tocar em grupo, acesso gratuito ao ensino da música, quando possível o empréstimo de instrumentos para o estudo em casa, aprendizagem ao ritmo do aluno, facilidade de acesso e o estímulo de familiares e amigos que frequentam as escolas das bandas.

De um modo geral, trabalham o solfejo e o ritmo até alcançar uma determinada lição, depois são encaminhados para um instrumento, de acordo com a necessidade e disponibilidade da banda. Depois de saber algumas notas no instrumento, começam a frequentar os ensaios e quando são considerados aptos pelo maestro passam a integrar as *performances* da banda.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver esse estudo, a metodologia que nos pareceu mais apropriada foi a abordagem qualitativa que, de acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 15-41), é uma abordagem interpretativa dos contextos em estudo, o que significa estudar as coisas em seus cenários naturais, para tentar compreender os fenômenos e acontecimentos em termos dos significados que as pessoas conferem a eles. Dessa forma, a preocupação esteve em averiguar a fundo, descrever e analisar os aspectos mais relevantes relacionados à Banda da 1ª Companhia Independente da Polícia Militar (CIPM), Banda de Santa Cecília, no que diz respeito ao contexto musical, histórico, cultural e à sua natureza social.

Como procedimentos técnicos, fizemos uso do estudo de caso (Coutinho, 2008; Stake, 2009; Yin, 2009), no âmbito da etnomusicologia participativa. Segundo Chizzotti (2008), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que se caracteriza, justamente, pelo interesse em reunir dados relevantes sobre o objetivo a ser estudado. Assim, o estudo de caso visa explorar

[...] um caso singular, situado na vida real contemporânea, bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar. Um caso é uma unidade específica, um sistema delimitado cujas partes são integradas. Da mesma maneira, entendemos que uma escola, umas salas de aula devem ser estudadas como um sistema delimitado, embora sofra a influência de diferentes aspectos que se ligam a esses sistemas, como o contexto físico, o sociocultural, o histórico, o econômico no qual a escola está inserida, as normas da secretaria de Educação e, etc., não devem ser ignoradas (Chizzotti, 2008, p. 136).

Isto significa dizer que desenvolvemos uma descrição “densa” da forma sugerida por Geertz (2008, p. 3) sobre a história da Banda Santa Cecília, sobre a forma como os integrantes desse agrupamento relacionam-se com ela, como foi concebida e organizada, a relação com a cidade e a atuação nas festividades. Para isso, os principais instrumentos de coleta de dados foram o levantamento documental e a entrevista narrativa.

3.1 PROBLEMÁTICA

Em muitas cidades do interior do Brasil, é possível observarmos a existência de bandas de música. Algumas são civis e outras militares, e participam vivamente em muitas festividades das comunidades. No município de Arraias – TO, não é diferente. A banda da **1ª Companhia Independente da Polícia Militar era presença obrigatória nas festas do município e do entorno**. Entretanto, a partir de 2019, a banda se desfez, e os militares músicos foram alocados para outras funções, fazendo parecer que esse agrupamento musical e sua função social não tivessem nenhuma representatividade para a comunidade. Diante disso, surgiram vários questionamentos: qual é a importância dessa banda para a comunidade? Qual é a sua função na comunidade? Qual é a sua história? Qual será seu futuro?

3.2 OBJETIVOS

3.2.1 Geral

Estudar a trajetória histórica, momentos importantes, definição conceitual, configurações, repertório, músicos, espaços onde ocorriam as *performances*,

sistemas de ensino e a função social da Banda Santa Cecília da 1ª CIPM de Arraias – TO.

3.2.2 Específicos

- a) Averiguar como se deu a formação do grupo;
- b) Conhecer qual a formação musical dos músicos que integravam a banda;
- c) Entender a função social e musical;
- d) Compreender qual foi o motivo que levou à desativação da banda.

Para desenvolver esse estudo seguimos uma abordagem qualitativa, pois, a pesquisa qualitativa reúne dados que são densamente descritivos, como entrevistas e observações. Foi utilizada uma amostra, a fim de obter uma compreensão aprofundada do objeto de estudo em ambiente natural como fonte dos dados.

Chizzotti entende que

O processo de pesquisa é um conjunto de operações sucessivas e distintas, mas interdependentes, realizadas por um ou mais pesquisadores, a fim de coletar sistematicamente informações válidas sobre um fenômeno observável para explicá-lo ou compreendê-lo. É um trabalho complexo que reúne diferentes competências (escrever, sistematizar, analisar), organização pessoal e o domínio de técnica especializada (documentação, instrumentos de pesquisa etc.) (Chizzotti, 2008, p. 35).

Assim, procuramos entender a historiografia da Banda Santa Cecília desde a sua formação até a dissolução.

Do ponto de vista da estratégia, é uma investigação que desenvolveu um estudo de caso, mas também tem um caráter histórico que envolve um levantamento e análise de documentos da Banda Santa Cecília da 1ª CIPM do município de Arraias – TO, na Câmara Municipal, nos arquivos históricos do *campus* universitário de Arraias.

3.3 PROCEDIMENTOS

Na primeira etapa, partimos para um levantamento bibliográfico sobre o tema “bandas militares” para sabermos o que havia na literatura especializada. Queríamos

saber qual era o estado da arte. Depois fizemos uma pesquisa nos documentos disponíveis na sede da Companhia da Polícia Militar e nos arquivos da Câmara Municipal da cidade de Arraias, pois tínhamos a indicação de que nesses locais também poderia haver documentos sobre a criação da banda.

Na segunda etapa do estudo, o projeto foi apresentado para o comandante da Companhia da Polícia Militar e para alguns músicos que integraram a banda, ainda residentes na cidade, e que fazem parte da Companhia, a fim de que eles tivessem conhecimento e nos concedessem as autorizações para a realização da investigação. Concedida as autorizações, passamos ao trabalho de campo, para coletar as informações nos arquivos da Câmara e da Companhia. Na terceira etapa, foi elaborado um guia para as entrevistas narrativas, com foco nos objetivos da pesquisa: a) averiguar como se deu a formação do grupo; b) conhecer qual a formação musical dos músicos que integravam a banda; c) entender a função social e musical, e d) compreender qual foi o motivo que levou à desativação da banda. Optamos pelas entrevistas narrativas, por se caracterizarem como ferramentas não estruturadas e possibilitarem a profundidade de aspectos específicos que podem emergir de histórias de vida que podem ser entrecruzadas, uma vez que, no processo narrativo, os informantes podem estar implicados nos eventos e acontecimentos evocados na narrativa. Situação diferente de outros tipos de entrevistas em que o sujeito parece estar apartado do acontecimento, pois descreve com base na posição de observador e não na de experimentador.

Após as entrevistas narrativas, foram feitas as transcrições para serem utilizadas nos textos do relatório final, para o confronto com a literatura estudada e como elementos observados no trabalho de campo.

3.3.1 A banda como estudo de caso

O estudo de caso como investigação traz para os pesquisadores um desafio, pois tem foco na descrição dos objetos da investigação, e os dados coletados nas entrevistas, nas observações e na leitura de documentos são confrontados com a realidade e o contexto natural. Com base em Coutinho, o estudo de caso é

Uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos factores (Coutinho, 2008, p. 337).

Sendo assim, o estudo sobre a Banda Santa Cecília, como objeto da pesquisa, buscou através das entrevistas e da pesquisa documental conhecer a trajetória da banda e quais as funções e influências que ela traz para o município de Arraias.

3.3.2 Entrevistas semiestruturadas

Dentre os diversos métodos de coletas de dados na pesquisa, a entrevista é uma das formas que permite uma interação maior entre o pesquisador e o colaborador. Fizemos uso da entrevista semiestruturada, pois entendemos que para esse estudo seria necessário termos um guia que fosse conduzindo as temáticas.

Esse tipo de entrevista baseia-se na utilização de um “questionário” como instrumento de coleta de informações o que garante que a ela será feita da mesma forma a todas as pessoas que forem colaboradores. Na entrevista semiestruturada, o entrevistador segue um roteiro de perguntas, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção, mas de modo livre. Por meio das entrevistas, é possível perguntar aquilo que não conseguimos observar: sentimentos, intenções e pensamentos, por exemplo. Assim, entrevistas são feitas para compreender a perspectiva do outro, partindo do pressuposto de que tal perspectiva é significativa.

À medida que as entrevistas foram acontecendo, fomos nos desligando do guia porque os colaboradores tenente Sérgio e segundo tenente Pedro acabaram contando as suas vivências no contexto da banda e o que havíamos programado para ser uma entrevista acabou se transformando em um depoimento. Um depoimento espontâneo, que depois tentamos organizar dentro de um guia, mas que não se efetivou dado o viés que as entrevistas tomaram, uma narrativa da história de vida dos entrevistados.

3.3.3 Participantes da pesquisa

- a) Padre Deusimar Correia Dias – pároco da Igreja Nossa Senhora dos Remédios em Arraias –TO; trabalho exercido no período de 15 de setembro de 2012 a 06 de fevereiro de 2022.
- b) Tenente Milton Sérgio da Silva – um dos maestros da Banda de Música Santa Cecília da cidade de Arraias.
- c) Segundo Tenente QPE José Pedro da Silva – músico, trombonista, integrante da Banda Santa Cecília.

3.3.4 Análise de documentos

Após a pesquisa documental e feitas as entrevistas, é o momento do cruzamento dos dados para validar as informações. Assim, procedemos às transcrições das entrevistas para confrontar com os documentos e a literatura pertinente.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

4.1 A Banda de Santa Cecília de Arraias

Ao falar em banda de música, é importante entender como se dá o processo de constituição desse agrupamento. Sendo assim, fazendo algumas pesquisas, pudemos descobrir que a primeira Banda da cidade de Arraias foi a Banda Filarmônica 8 de Setembro, criada na década de 1920 na cidade. Parece que o nome dado à banda faz referência ao dia da festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora dos Remédios, que acontece no dia 8 de setembro. Esse primeiro agrupamento era mantido pela comunidade e se configurava como uma associação, pois era mantida pela sociedade civil com contribuição do poder público – a prefeitura – cujo prefeito na época era Hildebrando de Sena e Silva. Ela teve como maestro Aniceto – não conseguimos informação sobre o seu sobrenome –, um nordestino do estado de Pernambuco. O corpo musical da banda era composto de instrumentistas moradores da cidade, porém a banda não deu seguimento.

Essa banda, ela era mantida pela sociedade civil, o nome dela filarmônica 8 de setembro se deu numa data de homenagem à padroeira do município de Arraias, Nossa Senhora dos Remédios [T. Sérgio].

Na figura n. 5, uma pequena nota colocada em um livro de Rosolinda Batista de Abreu Cordeiro (s.d.), documento recuperado no Centro de Documentação e Memória de Arraias e Região do *campus* de Arraias da UFT.

Figura 5 – Filarmônica 8 de Setembro 1920

Arraias Tocantins:

Filarmônica Oito de Setembro - Arraias/To



A corporação Banda Musical Filarmônica Oito de Setembro na década de 1920 na cidade de Arraias, teve como referencial no seu nome de identificação o dia da padroeira da cidade de Arraias, Nossa Senhora dos Remédios. Mantida por sócios contribuintes e prefeitura, teve como Maestro Aniceto um nordestino do estado de Pernambucano e seu corpo musical instrumentistas as moradores da cidade.

Corpo Musical: **Maestro:** Aniceto

Clarinete: Rivalino Alves Teixeira **Saxofone:** Francisco Moreira (Chico de Bárbara)

Piston Bb: Agenor de Sena e Silva **Trombone:** Agripino Cardoso

Bombardino: Maurílio José de Santana **Bombardão:** Gregório de Moura

Trompas (Sax Hornes): Antero Batista Cordeiro e Jurandy Alves Texeira

Bateria de percussão: Nestor Batista Cordeiro, Domingos Batista Cordeiro e Autorino.

Fonte: CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu.
Arraias: suas raízes e sua gente. [S.l.: s.n., s.d].

Essa banda de música teve um ato interessante histórico na década de 1920 a 1924. A coluna Prestes estava adentrando na cidade de Arraias e o pessoal já via a notícia, olha os revoltosos estão chegando e aí tiveram a ideia de pegar a banda de música Filarmônica 8 de Setembro e colocar na entrada da cidade pra recepcionar a coluna Prestes. E aí a banda de música foi incumbida para recepcionar a coluna. Carlos Prestes adentrou com sua tropa na cidade de Arraias na década de 1920. Ao adentrar, ele foi recepcionado pela banda de música e também fizeram parte para a coluna Prestes receber os revoltosos com grande churrasco no centro da cidade. O próprio filho de Carlos Prestes nos narrou isso aí em Arraias. Ele falou, olha papai – ele era uma pessoa de estatura mediana, era baixa, mas, tinha um poder persuasão muito grande e aí naquele momento do churrasco ele levantou a mão, todo mundo fizeram silêncio. E aí Carlos Prestes falou: – Olha, nós vinemos acabar com Arraias, nós viemos destruir Arraias, nós viemos guerrilhar e combater Arraias e não ia ficar pedra sobre pedra, porém, fomos muito bem recebidos por esse maravilhoso churrasco, mas principalmente pela banda de música eu não vou mais mexer com Arraias e todo pessoal aplaudiu aí foi um marco que ficou da banda de música Filarmônica 8 de Setembro da cidade de Arraias e escutei essa narrativa do próprio filho de Carlos Prestes que estava fazendo aquela matéria pra aquela revista não se era Veja ou Época uma coisa assim, manchete não sei qual era revista mas era uma destas três revistas. [T. Sérgio].

Embora, não exista muita documentação sobre a Banda 8 de Setembro, há uma passagem bastante interessante a respeito da atuação dela. Entre os anos 1925 e 1926, ocorria a passagem da Coluna Prestes por Arraias. A população da cidade tinha conhecimento do estardalhaço que acontecia quando os revolucionários passavam por elas. Assim quando eles adentraram na cidade, causando na comunidade apreensão, pois pensavam que eles poderiam causar uma desordem na cidade, a comunidade organizou-se e pensou em receber os revolucionários com uma apresentação da Banda 8 de Setembro. O fato é que o simples gesto da banda de música 8 de Setembro tocar para os integrantes da Coluna fez que os revoltosos não provocassem nenhuma violência no local. No entanto, depois desse ocorrido a banda se desfez e não temos informação, segura sobre as causas da dissolução.

Essa atuação da Banda 8 de Setembro, como pacificadora, embora tenha caído no esquecimento, alguns anos mais tarde foi a motivação para o então prefeito da época, ano 1992, Cacildo Vasconcelos e para as autoridades locais proporem a criação de outra banda de música na cidade. Conseguiram sensibilizar o governador que determinou ao comandante, juntamente com seus comandados, que recrutassem músicos para a cidade. Foi feito o convite do recrutamento prévio na cidade de Caruaru, Pernambuco, passando por Belo Jardim e por Teresina.

Para a formação de uma nova banda, foi preciso buscar membros de outros estados. Embora não fosse da cidade, pois pertencia na verdade ao batalhão, era identificada como banda de Arraias. Os músicos vieram a convite dos estados de Pernambuco, Piauí e Alagoas.

Assim, a banda de música deu início no ano de 1992, segundo um dos integrantes e entrevistados tenente e maestro Nilton Sergio da Silva. Ele é natural da cidade de Pernambuco e foi convidado juntamente com outros colegas para virem até a cidade de Arraias, no Tocantins, para compor e formar essa nova Banda. Ele e outros músicos, seus colegas, foram convidados, pelo comandante da Polícia Militar do Tocantins para fazer uma pequena apresentação para o batalhão tocantinense. Desse modo, foram liberados pela Polícia Militar do estado de Pernambuco para vir a Arraias.

Vimos, na época, de ônibus da empresa de Itapemirim. Aqui chegamos em setembro de 1992. A nossa missão era formar uma banda de música na cidade.

Quando chegarmos na cidade encontramos os acessórios, o instrumental que foi doado pela comunidade, algumas pessoas contribuíram pra esse sonho. Então formamos a banda de música e quando foi no dia 4 de Janeiro de 1993 nós incluímos na Polícia Militar. Essa inclusão se deu após fazermos o curso de formação de Policial Militar, um curso de qualificação. Esse curso tinha 2 vertentes: a operacional e a vertente específica para policial músico [T. Sérgio].

A Banda de música da Polícia Militar Santa Cecília, teve três turmas: a primeira, em 1993, foi a turma da fundação que contava com instrumentistas vindos de diferentes estados do Norte e Nordeste. A segunda, em 1994, veio para complementar os naipes de instrumentos que faltavam, e a terceira turma, no ano de 2006, para recompor o efetivo total da Banda Santa Cecília.

Nós éramos 28 músicos. No início, teve músicos de Porangatu que vinheram, que eram nordestinos, mas, estavam morando em Porangatu, tocando na banda municipal de Porangatu e então nós somos a maioria pernambucanos e alagoanos e piauiense e aí foi feito o concurso pra legalizar a situação da gente. Porém nem todos ficaram, só 19 aí nós tivemos esse desfalque.

Logo em 1994 tivemos esse desfalque, onde abriu a necessidade de buscar novos músicos pra contemplar, passou três meses nesse trempe, chegou no mês de setembro já tinha acabado as festas e em seguida deparamos com grande Carnaval com Entrudo [T. Sérgio].

Figura 6 – Banda da 1ª Companhia Independente de Polícia Militar de Arraias –TO no desfile de 7 de setembro de 2018



Fonte: Facebook da Banda Santa Cecília.

A banda de Arraias ela foi fundada no ano de 1993 a Banda da Polícia Militar nesse ano estava em Porangatu, quando foi no ano de 1994 abriu mais um concurso para segunda turma da Banda, na primeira turma posso até citar os nomes aqui meu amigo tenente Sérgio que hoje esta na reserva, temos também nosso amigo Pimentel que também está na reserva e outros colegas o major Edilson e o tenente Gomes. Enfim uma turma de pessoas que saíram também do Nordeste na expectativa de um emprego, ingressar na Polícia Militar do estado do Tocantins. Quando foi no mês de fevereiro de 1994 nós tivemos a oportunidade de receber o convite desses companheiros, que já estavam na Polícia Militar, de fazer um concurso para o Tocantins na cidade de Arraias, porque lá o efetivo da Polícia estava bem reduzido e o efetivo da banda também. Lá eles deram a oportunidade de abrir mais um concurso pra fortalecer e aumentar o efetivo da Banda de Música, foi aí que nós saímos de Porangatu para Arraias no dia 28 de fevereiro em 1994 pra fazer esse concurso passamos por todo processo seletivo, fizemos a prova escrita, a prova psicotécnica todos os processos que estão dentro de um concurso público passamos por ele.

Na época fomos 25 pessoas nesse propósito, de conseguir esse emprego, mas infelizmente só 18 conseguiram passar na prova. Então quando foi dia 21 de junho nós já estamos em Arraias, já iniciamos o curso de soldado, e nosso curso foi em duas modalidades, curso operacional e o curso de música [T. Pedro].

Embora a banda tenha um nome principal – Banda da 1ª Companhia Independente da Polícia Militar –, aos poucos a banda foi adotando o nome de Banda Santa Cecília. Esse nome foi escolhido porque a Santa Cecília é a protetora dos músicos.

Na primeira turma, após definidos os critérios para a seleção de integrantes da banda, foram selecionados 17 instrumentistas, dando início, desse modo, as suas atividades. A Banda da 1ª CIPM foi implantada com o objetivo de atender, contribuir e desenvolver atividades musicais nos momentos de solenidades cívicas e militares, com a região sudeste do estado do Tocantins, além de contribuir para a divulgação do nome da instituição militar nessa região. Além disso, foi firmada uma parceria com a população local, participando intensamente nas atividades culturais da cidade e nas festas religiosas.

Desde a sua criação, a banda buscou executar um repertório variado, como toques de canções variadas para momentos festivos e religiosos e hinos pátrios para os momentos cívicos, figura n. 7. Assim, esse grupo musical estava inserido na vida social da cidade, tocavam nas alvoradas, nos desfiles, nas procissões e no tradicional entrudo carnavalesco. Atendiam as necessidades da corporação, bem como os anseios da comunidade externa, de tal forma que em suas apresentações eram executados gêneros musicais diferentes dos apresentados nos regulamentos militares.

Figura 7 – Apresentação da Banda Santa Cecília em frente ao museu da cidade de Arraias – TO



Fonte: Acervo pessoal tenente Nilton Sérgio de Oliveira (2010).

A Banda de Música da 1ª CIPM tinha suas atividades de ensaios e estudos na sede do quartel da 1ª Companhia Independente de Polícia Militar da cidade. Mantinha suas atividades/apresentações musicais tanto dentro da corporação quanto na comunidade local e nas cidades circunvizinhas. O atendimento musical a estas cidades vizinhas acontecia por meio das solicitações requeridas por ofícios. Geralmente, essas apresentações eram em aberturas de eventos, comemorações de aniversário e de emancipação política de municípios, eventos religiosos e educacionais, solenidades cívicas e militares.

No estado do Tocantins aos redores de Arraias Novo Alegre, Combinado, Taguatinga, Paranã e nós tocamos também no estado de Goiás a banda de música era solicitada pra tocar também em Monte Alegre lá tinha uma festa tradicional o Rei e a Rainha, o Reinado da Cachaça, tocamos também em Taguatinga a famosa Cavalhadas que era a partir no mês de Agosto se não me falhe a memória no dia 15 de Agosto dentre outras. São Domingos tocamos todos os anos [T. Pedro].

O repertório executado era considerado eclético, ou seja, “*seleccionávamos os melhores estilos musicais*”, segundo o maestro Sérgio. Continha dobrados, valsas, boleros e músicas populares, inclusive marchinhas carnavalescas.

Assim a Banda de Música Santa Cecília da 1º CIPM foi procurando desenvolver suas funções musicais visando proporcionar não apenas à corporação militar, mas à comunidade local um espaço de divulgação, difusão e preservação da cultura. Na fotografia abaixo, figura n. 8, é possível observar nas primeiras filas do público crianças assistindo atentamente à apresentação da banda.

Figura 8 – Apresentação da Banda Santa Cecília na Praça principal da cidade de Arraias – TO



Fonte: Acervo pessoal Tenente Nilton Sérgio de Oliveira (2010).

Um dos principais objetivos da Polícia Militar do estado do Tocantins é reduzir os índices de violência na cidade. Assim, a 1º CIPM de Arraias desenvolveu vários projetos educativos. A partir de ações que contemplavam atividades sociais, culturais, educacionais e proporcionavam uma atividade formativa em música por meio de trabalhos educativos. Visavam às escolas, desenvolvendo ensino de música, formação e orientação de fanfarras. Muitos dos alunos que participavam

dessas ações eram jovens que estavam cumprindo medidas socioeducativas, por estarem se envolvendo com drogas.

Um dos destaques da parceria entre a cidade e a banda era o Entrudo, figura 9.

Deparamos com grande Carnaval, com Entrudo, com músicos acompanhamento... tocando Zabumba, Sanfona, Caixa, e triangulo, que nos surpreendeu, uma manifestação bem regional e foi tudo muito mágico. Naquela época, também um linguagem totalmente diferente, uma cultura diferente, em todos os aspectos, porém nos identificamos com uma coisa semelhante a gente que era o carnaval, o entrudo.

Com a chegada de novos músicos alagoanos, começamos a desenvolver um trabalho de orquestração, especialmente para o Entrudo de Arraias. Formamos uma orquestra de músicos instrumentistas, dando outra perspectiva para a festa do Carnaval. Até então o Entrudo na cidade de Arraias era feito e organizado da seguinte forma: Zabumba, Sanfona, Triangulo não tinha as orquestras antigamente pra fazer o Carnaval do Clube Social Arraiano, onde se realiza os Bailes de Máscaras e tinha de suporte o Bar do Senhor Dezaio que promovia alguns bailes [T. Sérgio]

Figura 9 – Alguns componentes da Banda Santa Cecília tocando as tradicionais marchinhas no Carnaval de Arraias no ano 2019



Fonte: Acervo pessoal tenente Nilton Sérgio de Oliveira (2020).

A Banda de Música Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias realizou inúmeras tocatas, que eram solicitadas via ofício. Tocava em toda nossa região.

Assim, a Banda de Música foi formada, começou a receber vários convites para tocar tanto na cidade de Arraias, como também em outras localidades do estado, como Taguatinga, nas festividades das Cavalhadas, Combinado, Aurora, Novo Alegre, Paranã, Conceição, Dianópolis, Gurupi, Alvorada, no distrito de Cana Brava de Arraias, além das cidades do Goiás como: Campos Belos, Monte Alegre, São Domingos, entre outras.

A parceria com a Banda de Música foi desenvolvida em conjunto com a sociedade. Alguns músicos, como tenente Nilton Sérgio, capitão Edilson, capitão Pimentel, começaram a desenvolver trabalhos sociais utilizando a música como fio condutor. Lecionando na comunidade, capitão Edilson, na época, hoje major Edilson, ficava à disposição da paróquia de Nossa Senhora dos Remédios para desenvolver o trabalho musical que atendia os propósitos paroquiais, tocando com um grupo nas missas e procissões.

Por solicitação do então governador da época, Siqueira Campos, eles ficavam à disposição, e os músicos da banda de música tinham atividades extras, prestando assistência no que diz respeito à sociedade por meio dos seguintes trabalhos: tocatas em aniversário da cidade, data de comemoração cívica, festejos religiosos tanto da Igreja Católica como também da Igreja Evangélica.

Nosso repertório era um repertório eclético; nós tínhamos músicas popular para as festas, músicas militares para os momentos cívicos e músicas religiosas tanto com músicas da Igreja Católica como da Igreja Evangélica e era isso que nós sempre mantinha.

A formação do repertório ele era o seguinte: muito dos arranjos que nós tocamos, algumas parte recebia de fora, fazíamos parceria e intercâmbio com instituições militares, recebia arranjos e como também mantínhamos esse intercâmbio de troca de arranjos musicais, alguns arranjos que fazia necessário a gente mesmo elaborava. A gente fazia os arranjos musicais, tinha situações que às vezes a gente se deparava com a temática e muitas vezes não tinha no arquivo música para aquele momento, então agente recorria a alguns vídeos pra transcrever e depois fazer os arranjos [T. Sérgio].

Ela completou 25 anos, estava previsto um informativo para contar essa história em comemoração ao Jubileu de Prata. Porém, infelizmente, não foi produzido esse informativo por questão financeira.

Nós não tínhamos esse dinheiro em caixa pra produzir esse informativo e passamos batidos; chegamos fazer 25 anos de existência em Arraias de atividades interrompidas [T. Pedro].

A banda era totalmente inserida no contexto social da cidade, alguns músicos se casaram e formaram famílias na cidade, estavam totalmente integrados, figura n. 10. No entanto, com o passar dos anos, a banda foi sofrendo baixas.

A formação da banda foi sentido despertar nas pessoas o valor da banda da polícia militar, que estando em Arraias estava interada também com as pessoas e a igreja percebendo que a polícia além do trabalho que eles exercem né e também esse trabalho de ajudar com a música para as pessoas entenderem o sentido da música então não só o trabalho do quartel e ao trabalho social também com as pessoas [Padre da paróquia].

O trabalho da Banda de Música ele também era desenvolvido na forma simultânea com a sociedade, aonde alguns músicos eu Sérgio, Edilson, capitão Pimentel começaram a desenvolver trabalhos sociais através da música lecionando na comunidade, capitão Edilson na época hoje Major Edilson, ele fica disposição da paróquia, com a solicitação do governador Siqueira Campos na época, deixa à disposição; então sempre os músicos da Banda de Música tinha atividades extras nos seguimentos da Banda e sempre prestando sempre toda assistência no que diz respeito a sociedade [T. Sérgio].

Figura 10 – Banda de Santa Cecília desfilando pelas ruas dos bairros da cidade de Arraias



Fonte: Acervo pessoal tenente Nilton Sérgio de Oliveira (2010).

Começamos a ter desfalque na Banda de Música. De início tivemos três componentes que foram embora, dois pra Gurupi, um pra Araguaína, mais tarde mais dois que foram pra Palmas. Infelizmente nos deparamos com o ocorrido trágico que foi o acidente de Gilberto que também membro da banda que se tornaria para nós mais um desfalque [T. Sérgio].

A realidade nos quartéis e batalhões da polícia militar é bastante parecida. Existe uma movimentação contínua, transferências, aposentadorias e solicitação de efetivo para outras localidades e funções. Desse modo, no ano de 2019, a banda estava totalmente desfalcada, sendo impossível continuar com as atividades e dissolvendo-se completamente.

Concomitante à dissolução da banda, foi implantada na cidade de Arraias uma escola modelo militar e alguns militares músicos foram transferidos para essa instituição para ajudar na implantação e na direção da escola.

Nesse período, a Banda de Música, ou que restou de integrantes nela, foi conduzida a trabalhar e desenvolver suas atividades nesse Colégio Militar, e nós fomos conduzidos pelo capitão Pimentel. Ele reivindicou o seguinte: tivesse de ir para algum lugar deveria ir pro o colégio militar. Que a corporação musical fosse junto e foi feito, então o maestro que era o capitão Pimentel assumiu a direção do colégio e levou alguns músicos com ele T. Sérgio].

Atualmente a escola militar é a única escola da cidade que oferece aulas de música e tem uma fanfarra que ensaia constantemente.

Também por iniciativa do maestro Sérgio e apoio do poder público há a iniciativa e perspectiva de uma nova banda na cidade cujo nome homenageia a primeira banda arraiana – Banda 8 de Setembro.

Em julho de 2022, já se ouvia na cidade, durante a madrugada, a alvorada em frente à Igreja Nossa Senhora dos Remédios na praça principal da cidade como se observa na figura n. 11.

Figura 11 – Alvorada na frente da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, 2022



Fonte: Acervo pessoal tenente Nilton Sérgio de Oliveira (2022).

4.2 Contextos funcionais, espaços e repertórios

O local onde funcionava a Banda de Música Santa Cecília era uma das instalações da sede do batalhão da 1ª Companhia Independente da Polícia Militar do estado do Tocantins sediada na Avenida Dr. João D'Abreu, s/n, no setor Arnaldo Prieto na cidade de Arraias, figura n. 12.

Esse espaço era uma sala de aula que foi disponibilizada pra ali se ter os ensaios e se guardar todos os materiais, tais como os instrumentos e o próprio arquivo musical [T. Sérgio].

Figura 12 – Vista da frente do prédio do Batalhão da Polícia Militar de Arraias – TO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A sede da Polícia Militar não dispunha de uma sala específica acusticamente, ou seja, a sala onde aconteciam os ensaios e as práticas individuais dos instrumentistas era simples, com janelões de vidros que permaneciam abertos para amenizar o calor e para sair o som, informações dadas por um dos ex-músicos. O fato de o som expandir-se para fora do ambiente e não prejudicar os ouvidos dos músicos levou a considerar que esse espaço não era propriamente um local com acústica adequada, era um espaço de uma sala comum improvisada para atender as atividades da banda. Esse local era onde se guardavam os instrumentos,

acessório e o arquivo de partituras da banda. Era comum visualizar alguns músicos tocando nos espaços externos do batalhão por terem apenas uma sala destinada a eles.

O instrumental usado na banda era pertencente aos músicos, embora exista algum material que foi doado pela comunidade arraiana no momento inicial da banda.

O material usado para o repertório e as partituras também eram guardados e organizados nesse local. O repertório, como dito anteriormente, era bastante variado e “ecclético”, para usar a definição do maestro Sérgio em entrevista, mas poderíamos dizer que o repertório poderia ser dividido em repertório de rua e de apresentação/concerto. O repertório de rua era constituído de marchas, que têm como característica principal o fato de serem adequadas para execução ao andar, sendo desse modo marcadas ritmicamente. As marchas de rua eram executadas com a banda em formação e a marcha sem grande rigor interpretativo, por isso de caráter alegre e festivo. As marchas de procissão tinham uma característica “solene”, com andamento mais lento, seguindo a marcha das pessoas que acompanhavam a procissão, e eram, na maior parte das vezes, comandadas pelo ritmo da caixa de repique.

No repertório de apresentação, as obras executadas eram mais elaboradas, principalmente do ponto de vista da interpretação. Eram músicas tradicionais para bandas, marchas sinfônicas arranjadas para o instrumental da banda, aberturas e um repertório de músicas populares. Nas orquestras, esse tipo de repertório é chamado de músicas ligeiras que podem ser arranjos de música de filmes, músicas *pop* e MPB. Nesse caso, até o instrumental era diferente, pois apresentava a bateria e às vezes um teclado.

Os arranjos musicais, sempre a gente produzia, tinha como arranjador o tenente Sergio, Ronaldo Melo sempre fazia alguns arranjos improvisados e o subtenente Pedro. Os três realizavam alguns arranjos, porém a maioria das composições que tinha de arranjo, tinha através de intercâmbios musicais com outras instituições militares no nosso país [Pedro].

Então, eles trocavam arranjos com outras bandas tanto militares quanto civis. Também recebiam arranjos da Funarte (Fundação Nacional de Artes), além de arranjos feitos pelos integrantes da banda.

4.3 A festa da padroeira e a banda

A festa da padroeira Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Arraias acontece sempre no dia 8 de setembro. Inicia com uma missa campal da romaria tradicional, que ocorre na praça principal da cidade, em frente à Paróquia Nossa Senhora dos Remédios para prestar homenagem à padroeira. Portanto, é uma das maiores manifestações religiosas e culturais do nosso estado. A festa da padroeira é celebrada por centenas de pessoas que vêm das zonas rurais do município e das cidades vizinhas dos estados do Tocantins e de Goiás. Conta, também com a participação de vários padres que se revezam com sermões que valorizam os princípios cristãos na vida dos fiéis. Há a participação das comunidades da região sudeste tocantinense inteira e de Goiás, principalmente dos municípios vizinhos. Essa participação tornou-se um verdadeiro ato de devoção.

Nessas celebrações da Igreja Católica, a presença da banda de música era certa. Havia um envolvimento nos festejos de Nossa Senhora dos Remédios. A banda era convocada para fazer a Alvorada festiva que acontecia às 5h da manhã, momento em que a banda em formação percorria as ruas da cidade, vindo do batalhão e tocando para dar início ao dia solene, posicionavam-se em frente da igreja e, entre o estourar de fogos, tocavam para convidar as pessoas a participar desse momento que era a abertura dos festejos. Todos se reuniam ali, paravam em frente à Igreja e começavam a tocar o Canto Nossa Senhora dos Remédios. Com esse chamado as pessoas sabiam e iam chegando para participar do novenário.

A participação da Banda de Música Militar de Arraias com a igreja Nossa Senhora dos Remédios era nos momentos de início dos festejos.

Ver uma bela música cantada e tocada vivenciada no nosso cotidiano; fizeram para nós como exemplo esse Hino Nossa Senhora dos Remédios que eles tocavam, as músicas mais tocadas que eles faziam era o hino Nossa Senhora dos Remédios, também cantava algo do hino da igreja fazia música do padre Zezinho e ajudava a gente [Padre da paróquia].

O repertório das procissões é constituído do Canto Nossa Senhora dos Remédios, música do padre Zezinho e outras músicas próprias da Igreja Católica.

A Banda da Polícia Militar estava integrada com as pessoas da cidade e as ações da igreja, tanto que compôs o Hino a Nossa Senhora dos Remédios e tinha participação no grupo de Apostólicos da Oração dos Vicentinos.

4.4 A alvorada

A alvorada acontecia em momentos de festividades cívicas, como o aniversário da cidade, Sete de Setembro e nas festas religiosas. A alvorada festiva, no caso da principal festa religiosa da cidade, começava sempre no dia 30 de agosto, a partir das 5h da manhã, com a participação da banda que fazia a abertura com tocatas e marchas. Marchando pelas ruas da cidade, chegava à igreja, então o padre começava a celebrar a missa em honra a Nossa Senhora dos Remédios para depois adentrar nas outras programações da festividade. A festa se estendia até o dia 9 de setembro, e, nesse dia de encerramento, saía uma procissão da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios que iniciava com o novenário da padroeira e depois percorria algumas ruas da cidade tocando cânticos a Nossa Senhora dos Remédios. Os paroquianos participavam com muita devoção.

A banda, quando requisitada, fez trabalhos pela manhã, uma alvorada festiva convidando as pessoas a participar desse momento que era abertura dos festejos que todos reuniam ali, paravam em frente da igreja e aí a banda tocava o Canto Nossa Senhora dos Remédios para que as pessoas pudessem participar bem do novenário [Padre da paróquia]

Era visível que havia um vínculo entre identidade, cultura e religiosidade que revelava saberes, tradições e valores. A alvorada festiva sublinhava a devoção dos romeiros no caminho percorrido durante as procissões. Os devotos buscavam, nessas romarias, fortalecer o vínculo religioso pela fé e pelo desejo de alcançar total cura de todos os males e receber a bênção divina.

4.5 A procissão

As procissões são consideradas os principais momentos religiosos do estado do Tocantins. No caso de Arraias, os romeiros, festeiros e cavaleiros percorrem as ruas da cidade carregando a imagem de Nossa Senhora dos Remédios. Quando a festa é dedicada a ela ou Nossa Senhora das Candeias, as ruas do entorno da praça principal e as frentes das casas dos devotos são iluminadas com velas.

Essa tradição se mantém até os dias de hoje. A procissão, além de representar a fé e a devoção, traz em si a valorização histórica e cultural, que fortifica e evidencia saberes e crenças presentes na romaria e está relacionada aos bens culturais e imateriais. Então essa cultura vai sendo passada de geração em geração como herança, que se mantém presente em Arraias, marcada pela devoção dos romeiros e fiéis pela padroeira. Em localidades como esta, é nesse momento que muitos pagam suas promessas, rezam pelas graças alcançadas, geralmente pela saúde de si ou de alguém da família. Por muito tempo, e ainda hoje, o socorro e o alívio para muitos males estão na fé e nas ervas medicinais encontradas na maior parte das casas, principalmente nas zonas rurais e localidades mais afastadas da cidade.

Até agora não se mudou nada, ainda hoje observamos a devoção dos romeiros, a religiosidade, o respeito na hora da procissão e a fé que cada um leva consigo.

A banda fazia parte dessas festividades, dos cortejos religiosos do município e das demais localidades próximas, como as procissões de São Domingos de Gusmão, padroeiro de São Domingos de Goiás; procissão da Romaria do Divino Espírito Santo, de Natividade do Tocantins; procissão do Imperador, de Monte Alegre de Goiás; procissão da Festa do Divino de Arraias no Tocantins. A banda marcava o andamento da procissão com ar solene e com músicas religiosas acompanhadas ritmicamente pelos passos dos fiéis.

4.6 As festas populares

A banda tocava as festividades religiosas, como as festividades dos padroeiros locais, as procissões do Divino Espírito Santo, Bonfim, Natividade, as cavalhadas, a festa de Nossa Senhora dos Remédios e a festa de São Domingos de

Gusmão. Também em outras festas populares, como os festejos de Taguatinga, de Conceição, de Novo Alegre, e de Combinado, todos em Tocantins. Para que a participação nesses momentos acontecesse, eram necessários os convites das localidades dos festejos.

A banda tocava nas procissões em Arraias, nos festejos do Espírito Santo, nas alvoradas dos festejos de Nossa Senhora dos Remédios. Esses festejos marcavam a data dos padroeiros.

5 CONCLUSÕES

Com base na análise dos dados e das evidências, foi possível concluir que, dos pontos de vista social, cultural e histórico, o contexto musical da Banda de Santa Cecília da 1ª Companhia Independente da Polícia Militar de Arraias foi, por 25 anos, uma forma de socialização das pessoas da comunidade arraiana, das famílias e dos amigos que, em interação com banda, construíram uma identidade cultural da cidade. Embora o agrupamento fosse constituído apenas de militares, a proximidade com a comunidade contribuiu para a construção de uma história que, contada e recontada ao longo do tempo, enfatiza, acima de tudo, laços e revela a imagem característica da organização da comunidade local. A nossa preocupação com a preservação da herança musical da sociedade arraiana está em sinergia com princípios e instrumentos normativos estabelecidos na 32ª sessão da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), nomeadamente a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003, realizada em Paris³. Portanto, as sonoridades são testemunhos vivos da nossa história. No caso da banda, a história se entrelaça com as memórias, os saberes e os costumes da comunidade. Muitas pessoas aprenderam a tocar um instrumento musical com os integrantes da banda, alguns adolescentes tomaram melhores rumos na vida. A alegria e a expectativa pelas festividades com que as pessoas aguardavam esses momentos também estavam ligados ao apreciar a banda tocar.

³ Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em: 10 out. 2021

Importante destacar ainda que as narrativas dos colaboradores sobre a banda, as gravações do repertório, cedidas pelos músicos que integraram a banda, bem como algumas composições originais feitas para o agrupamento estarão disponíveis no repositório do projeto temático, do qual este subprojeto faz parte, e poderão proporcionar aos pesquisadores e ao público em geral o conhecimento da história, da identidade e do repertório musical da Banda Santa Cecília de Arraias – TO, não deixando essa referência perder-se no tempo, pois, para a preservação da nossa identidade cultural, é fundamental o resgate das tradições musicais, uma vez que elas contam como e quem nós somos.

Figura 13 – Membros da Banda Santa Cecília sendo homenageados na Câmara Municipal de Arraias – TO



Fonte: Facebook da Banda Santa Cecília de Arraias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Coelho de. O ensino coletivo de instrumentos musicais: Aspectos históricos, políticos, didáticos, econômicos e sócio-culturais. Um relato. *In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, 2004, Goiânia. **I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL**. Goiânia: UFG, 2004. p. 11-29. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/888/o/Anais_I_ENECIM.pdf. Acesso em: 4 set. 2023.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. 2006. 3 v. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/95107>. Acesso em: 4 set. 2023.

CHIZZOTTI, António. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COUTINHO, Clara Pereira. **Estudo de caso**. Janeiro 2008. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

DEZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Inez Beatriz de Castro Martins. **Bandas Militares como objeto historiográfico e a banda de música da polícia do Ceará (c.1850-1930)**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

JEHA, Silvana. Ganhar a vida. Uma história do barbeiro africano Antonio José Dutra e sua família. Rio de Janeiro, século XIX. **Revista de História**, [S. l.], n. 176, p. 01-35, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.114417. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/114417>. Acesso em: 4 set. 2023.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira: dos primórdios ao início do século XX**. Porto Alegre: Movimento, 1977.

LOUROSA, Helena Marisa Matos. **À sombra de um passado por contar: Banda de Música de Santiago de Riba-Ul**. 2012. Tese de Doutorado, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

NASCIMENTO, Elizeu Santos do. **Distinções entre a orquestra de sopros e a banda sinfônica**. Universidade de Brasília – UnB PPGMUS – Mestrado em Música SIMPOM: Subárea de Musicologia, 2012.

SILVA, Francinaldo Rodrigues da. **A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música**: um estudo com duas bandas escolares. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

STAKE, R. E. **A arte da investigação com estudos de caso**. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2009.

VIEIRA, Joelson Pontes. **Bandas de música militares: *performance* e cultura** na cidade de Goiás. 2013. 392 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

YIN, Robert K. **Case study research, design and methods** applied social research methods. [S.l.]: Sage, 2009.

APÊNDICE

1. Guia de entrevista e Transcrição das entrevistas



Título: Uma História a se contar - Banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias/ Tocantins

Discente: Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

Guia de Entrevista ao Tenente Nilton Sérgio de Oliveira

Esta pesquisa tem o objetivo de contar a história da Banda Cecília da Polícia Militar de Arraias. As informações dadas aqui serão usadas para fins acadêmicos e podem ficar em repositório livre para consultas. Aproveitamos para agradecer a sua participação.

- 1) Você pode contar um pouco da história da Banda Santa Cecília?
- 2) Como era a participação da Banda na sociedade arraiana?
- 3) Qual era a formação musical dos integrantes?
- 4) De que modo os músicos contribuía com a comunidade?
- 5) Como foi seu ingresso na Banda Santa Cecília? Na sua percepção era para trabalhar ou fazer parte da Banda como música?
- 6) Você escolheu esse batalhão porque tinha a Banda de Música?
- 7) Você entrou nesse batalhão para trabalhar, ou especificamente se ingressar na Banda da Polícia Militar?
- 8) Como se deu o surgimento e a construção da Banda Cecília?
- 9) Naquela época existia concurso para ter os músicos, ou eram da corporação? Se vocês eram convidados para fazer parte da Banda?
- 10) Qual a importância de fazer parte de uma Banda de Música?
- 11) Qual a sua opinião em relação a desativação da Banda de Música? Se futuramente poderá reativá-lo novamente?

- 12) Há quanto tempo você se ingressou na Banda?
- 13) Qual foi a fase mais difícil e que levou a desistir de dar continuidade com as apresentações culturais desenvolvidas pela Banda de Música Santa Cecília?



Título: Uma História a se contar - Banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias/ Tocantins

Discente: Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

Transcrição da entrevista feita ao Tenente Nilton Sérgio de Oliveira

Entrevista realizada aos 09:00 do dia 28/02/2022

Local Residência do Tenente

Durante a entrevista acabamos fazendo um vídeo de depoimento.

Olá, tudo bem, sou Nilton Sérgio da Silva sou tenente Sérgio, sou músico natural da cidade de Caruaru Pernambuco e aqui estou nesse pequeno depoimento para a gente entender um pouquinho desta história - o que era a Banda de música Santa Cecília? E seu papel diante da cidade de Arraias, pois bem gente, cheguei aqui em 1992 fui convidado pra vim compor e na verdade formar uma nova banda na cidade de Arraias. Nós fomos convidado através da Polícia Militar do Tocantins pra prestar uma pequena acessória e avaliação através da Polícia Militar de Pernambuco. Lá nós fomos submetidos a um teste prévio. Viemos com ônibus da empresa Itapemirim, aqui chegamos em Setembro de 1992, a nossa missão era formar uma banda de música na cidade de Arraias. Chegamos aqui encontramos os acessórios, instrumental, tudo foi doado pela comunidade, algumas pessoas contribuíram pra esse sonho e então formamos a banda de música. Quando foi no dia 04 de janeiro de 1993 nós nos incluímos na Polícia Militar e através dessa inclusão nos fizemos o curso de formação de policial militar, porque não é simplesmente botar o uniforme da PM, temos que fazer um curso de qualificação e nosso curso tinha 2 vertentes

operacional e a vertente específica que era a banda. Formamos essa banda e comecei a fazer algumas indagações a mim mesmo, em relação a banda de música que existiu na cidade de Arraias. Foi quando fiz uma pequena pesquisa e eu vi que existia antigamente uma banda de música na cidade de Arraias na década de 1920. Eu quis me aprofundar mais ainda, saber porque essa banda teria acabado ne? E porquê da nossa existência de então como músico nessa nova etapa de nossas vidas na cidade de Arraias? E aí a gente demos continuidade, fiquei curioso comecei a pesquisar cheguei a informação de que essa banda chamava filarmônica 8 de setembro. Essa banda ela era mantida pela sociedade civil, o nome dela filarmônica 8 de setembro se deu numa data de homenagem à padroeira do município de Arraias, Nossa Senhora dos Remédios. Essa banda de música teve um ato interessante histórico na década de 1920 a 1924 a coluna prestes estava adentrando na cidade de Arraias e o pessoal já via a notícia, olha os revoltosos estão chegando e aí tiveram a ideia de pegar a banda de música filarmônica 8 de setembro e colocar na entrada da cidade pra recepcionar a coluna Prestes. E aí a banda de música foi incumbida para recepcionar a coluna Carlos Prestes adentrou com sua tropa na cidade de Arraias na década de 1924 e 192, ao adentrar ele foi recepcionado pela banda de música e também fizeram parte para a coluna prestes receber os revoltosos com grande churrasco no centro da cidade o próprio filho de Carlos Prestes nos narrou isso aí em Arraias. Ele falou, olha papai – ele era uma pessoa de estatura mediana, era baixa, mas, tinha um poder persuasão muito grande e aí naquele momento do churrasco ele levantou a mão, todo mundo fizeram silêncio. E aí Carlos Prestes falou olha nós viemos acabar com Arraias, nós viemos destruir Arraias, nós viemos guerrilhar e combater Arraias e não ia ficar pedra sobre pedra porém, fomos muito bem recebidos por esse maravilhoso churrasco, mas principalmente pela banda de música eu não vou mais mexer com Arraias e todo pessoal aplaudiu aí foi um marco que ficou da banda de música filarmônica 8 de setembro da cidade de Arraias e escutei essa narrativa do próprio filho de Carlos Prestes que estava fazendo aquela matéria pra aquela revista não se era Veja ou Época uma coisa assim, manchete não sei qual era revista, mas era uma destas três revistas. E aí aquele Agenor de Sena, na época era instrumentista ele tocava trompete no dia fez a fotografia lá no memorial Carlos Prestes, tem até uma fotografia do Agenor de Sema, inclusive tem minha silhueta atrás da fotografia do memorial Carlos Prestes e ele confirmou, também a história que era rapazote

década de 20 a 25, só sei que a gente começou a ouvir essa história e as autoridades de época começaram a ver isso aí com bons olhos se ter uma banda de música na cidade de Arraias levando em consideração que Arraias tem muita cultura, cultural levando em consideração esse fat das histórias da recepção do Carlos Prestes não ter feito balburdia na cidade, por ter recebido a banda de música, como ele frisou e principalmente essa narrativa cê encontra nos manuscritos do Carlos Prestes que o filho dele falou que no diário de papai ta lá escrito numa forma, isso não é uma coisa que esta dizendo ou ouvir dizer fulano falou o próprio filho de Carlos Prestes nos falou, nos relatou isso aí. Então as autoridades disseram acharam por bem a banda de música, foi quando solicitaram ao governador do estado ne pra se ter uma banda de música e naquela época com o apoio de Cacildo Vasconcelos. Aí eles conseguiram alguns instrumentos e só faltava agora os músicos, por que aqui era escasso de músicos, foi quando eles falaram com o governador do estado e incumbiu a polícia pra recrutar músico pra cá. Só que tinha um, porém, banda de música na polícia militar pode ser instalada em batalhões e em Arraias não é batalhão é uma companhia independente até hoje, mesmo assim eles quebraram esse protocolo - olha a força desse pessoal, são tão grande. Pelo contexto histórico da cidade de Arraias conseguiram sensibilizar o governador, que determinou que o comandante, juntamente, com seus comandos recrutasse músico pra cá levando em consideração isso, aí feito. Aí nos viemos pra cá, foi quando foi feito o convite do recrutamento prévio na cidade de Caruaru Pernambuco, passamos por Belo Jardim e por Teresina.

Nós somos a maioria nordestinos aqui, nós esperamos que legalizasse nossa situação passamos três meses nesse trampe. Aí chegamos no mês de setembro, aí tinha passado as festas e seguida deparamos com grande Carnaval que me surpreendeu, uma coisa, uma manifestação bem regional e foi tudo mágico naquela época, também uma culinária diferente, um linguajar totalmente diferente, uma cultura diferente em todos aspectos, mas nos identificamos, em questão, com a musicalidade e em uma coisa semelhante a gente é - o Carnaval. O Entrudo é uma coisa que a gente comunga dessa situação cultural, lá no nordeste e aí nós éramos 28 músicos no início teve músicos de Porangatu que vinheram que eram nordestino mas, estavam morando em Porangatu na banda municipal de Porangatu e então nós somos a maioria Pernambucanos e Alagoanos e Piauiense e aí foi feito o concurso

pra legalizar a situação da gente porém nem todos ficaram, só 19 ai nós tivemos esse desfalque logo em 1994 abriu a necessidade de buscar novos músicos pra completar banda foi quando vieram mais músicos Alagoanos ne e começamos aqui desenvolver trabalhos e nos também desenvolveu trabalho de orquestração no entrudo de Arraias. Acredito que nos primeiros trabalhos que foram feitos não distintos da Banda mas fora ne digamos extremo com parceria com a população foi a questão do entrudo, formamos uma orquestra de musico instrumentista até então o entrudo na cidade de Arraias era feito e organizado da seguinte forma era Zabumba, Sanfona, Triangulo não tinha essa questão das orquestras de sopro ,alguém de sopro quando aparecia antigamente era pra fazer o carnaval do Clube Social Arraiano e ai era contratado o conjunto e lá se fazia e aparecia alguém tocando carnaval ali então até mesmo no Bar de Senhor Dezaõ promovia alguns bares lá e ai o conhecimento nosso na narrativa se fazia presente ali. Então assim a Banda de Música foi formada começamos receber vários convites pra tocar tanto na cidade do Estado do Tocantins como também nas localidades da cidade do Estado de Goiás como São Domingos, Monte Alegre, Campos Belos, então a Banda da Policia Militar ela tem trajetória ai, ela começa no início de 1993 mas a data de sua fundação e no dia 09 de junho de 1993 quando a gente forma uma maneira legal da formatura da Banda de Música da PM, na qual agente também titula o nome dela de Banda Santa Cecília ela tem esse nome dado em respeito e referência a Santa Cecília que e a protetora dos músicos pela religião católica e ai esse trabalho da Banda de Música ele também e desenvolvido na forma simultânea com a sociedade, aonde alguns músicos eu Sérgio, Edilson, Capitão Pimentel começa desenvolver trabalhos sociais através da música lecionando na comunidade, capitão Edilson na época hoje Major Edilson, ele fica disposição da paróquia com a solicitação do Governador Siqueira Campos na época deixa a disposição, então sempre os músicos da Banda de Música tinha atividades extras no seguimentos da Banda e sempre prestando sempre toda assistência no que diz respeito a sociedade pelo todo das tocadás de aniversário da cidade, data de comemoração cívica, festejos religiosos da Igreja como também da Igreja Evangélica nosso repertorio era um repertorio eclético nós tínhamos músicas popular, músicas militares, cívicas e religiosas e era isso que a gente sempre mantinha. A formação do nosso repertorio ele era o seguinte, muito dos arranjos que nós tocamos alguma parte recebia de fora, fazíamos parceria com intercambio com instituições militares, recebia arranjos a

gente mantinha esse intercâmbio de troca de arranjos musicais e alguns arranjos que fazia necessário a gente mesmo elaborar a gente fazia os arranjos musicais, tem situações que as vezes a gente se deparava com a temática e muita das vezes não tinha arquivo e agente recorria alguns vídeos pra transcrever fazer os arranjos eu mesmo fiz muitos arranjos. Pois bem a história da Banda de Música da Polícia Militar em Arraias denominada a Banda de Música Santa Cecília ela tem várias trajetórias e ela passou por essa questão de muito, ela completou 25 anos, elaboramos um informativo jubileu de prata porem infelizmente não foi confeccionado ou produzido esse informativo em questão financeiro, nós não tínhamos esse dinheiro em caixa pra produzir esse informativo e passamos batidos aí, aconteceu o seguinte, aconteceu que começamos a ter desfalque na Banda de Música, tivemos 3 componentes que foram embora, 2 pra Gurupi, 1 pra Araguaína mais dois que foram pra Palmas, infelizmente nos deparamos com o ocorrido trágico que foi o acidente de Gilberto na qual desfalcou também um membro ai e nesse período ai a Banda de Música ela foi conduzida a trabalhar e desenvolver suas atividades no Colégio Militar porque veio a ideia da construção da implantação do Colégio Militar no Estado do Tocantins e Arraias foi agraciada com uma escola dessa como modelo militar e ai nós fomos conduzidos pelo maestro capitão Pimentel ele reivindicou o seguinte tivesse de ir pra ir pro colégio militar que a corporação musical fosse junto e foi feito, então o maestro que era o capitão Pimentel ele torna-se diretor do colégio e assume a direção do colégio.

E o nosso capitão Pimentel que era nosso maestro ele assume a escola como diretor do colégio militar e eu assumo a regência de música nessa ocasião aonde eu passei 3 anos como maestro e ai a gente era dividido, nossas atividades era divididas sobre atender os ofícios da solicitação musical, desenvolver os trabalhos no colégio militar e auxiliar na questão da disciplina, trabalhar na parte da disciplina como vice diretor e agente tivemos essas duas incumbência, a banda de música só não ficava em atividades especificas ela desenvolvia atividades educacional juntamente com os professores ali lotado e também sempre participou da escola extra ostensiva do policiamento ostensivo da polícia militar da segurança pública, porém as demandas começaram aumentar a necessidade do quartel da nossa mão de obra dos policiais militares se tornou em aspecto mais frequente por conta da necessidade caótica efetivo da nossa corporação e ai a gente se viu numa situação

que agora tinha que atender as necessidades de solicitação mediante ao ofício a gente tinha que trabalhar no colégio militar direcionando na prática educacional na verdade o militarismo do colégio militar vem como uma forma de suavização, na verdade só pra suavizar o campo de professor e a gente estava ali fazendo o serviço trabalhando civismo junto com aquelas crianças de forma a placa de ordem unida canção civismo dos hinos aquilo que a escola tradicional sempre fez nos seus momentos de hasteamento de bandeira, data cívica a única diferença que a gente fazia todo dia com o colégio militar e aí surgiu também a necessidade de serviço então a gente acumulou 3 serviços aí chegou o momento que para atender não tinha mais como atender as atividades específicas nossa que era atividade da prática da banda de música foi quando a gente deparamos também com a triste realidade do AVC do antigo maestro e aí a gente ficamos triste com esse acontecimento e já tinha sofrido uma baixa por causa do Gilberto e agora veio o AVC do nosso antigo maestro que sempre foi nosso líder mesmo eu sendo o maestro à frente, mas, eu tinha ele como exemplo de grande líder, então assim devido a necessidade dos serviços da polícia militar dentro da corporação como os policiais militares combatentes se fez necessário de a gente não entender mais os ofícios, não porque a gente não quisesse que a gente somos músicos pela necessidade do serviço e aí foi feita uma reunião aonde todos acharam que a gente faz uma coisa ou outra com execução de 3 atividades então tava sobrecarregando demais para atender as tocatas não tinha como, a gente de serviço 24 horas no quartel, nas viaturas então não tinha mais como, então achamos por bem dar uma pausa levando em consideração que a gente queria na banda mas como a necessidade do serviço operacional nos bateu na porta e foi de uma forma assim que a gente tinha que abraçar a causa porque nós somos subordinados e não foi porque a gente quisesse a necessidade obrigou e o que combinou foi quando estabelece o efetivo da polícia militar que possivelmente a banda de música voltaria as atividades, mas, com isso por conta do concurso público teve problema no último edital a questão da legalidade voltarem a prestar concurso perdeu teve que fazer outro novo concurso se foi entrando ano, passando ano e cada vez se aposentando mais policiais e agente da banda infelizmente tomamos essa nova jornada como combatente, infelizmente a banda de música Santa Cecília está com atividade interrompida e acredito que vai ser difícil logo reativá-la infelizmente por conta da carência do efetivo de policial militar em nossa região na cidade de Arraias.



Título: Uma História a se contar - Banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias/ Tocantins

Discente: Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

Guia de Entrevista ao Padre Deusimar Correa Dias

Esta pesquisa tem o objetivo de contar a história da Banda Cecília da Polícia Militar de Arraias. As informações dadas aqui serão usadas para fins acadêmicos e podem ficar em repositório livre para consultas. Aproveitamos para agradecer a sua participação.

- 1.Qual a participação da Banda da Polícia Militar com a igreja?
- 2.Qual a sua formação?
- 3.Quais músicas eram tocadas? Se tem algum vídeo relacionado às apresentações religiosas?
- 4.Quais eventos eles costumavam participar com a igreja?
- 5.Em qual período esteve exercendo o seu trabalho na comunidade de Arraias Tocantins?



Título: Uma História a se contar - Banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias/ Tocantins

Discente: Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

Transcrição da entrevista feita ao Padre Deusimar Correa Dias

Entrevista realizada aos 07:27 do dia 26/02/2022

Via telefone celular

1) Qual era a participação da banda na vida da cidade

O que eu acompanhei da banda, ela tinha.... militar lá no quartel, mas o envolvimento deles era só nesse sentido, quando chamavam eu então assim tinha essas alvoradas tal nos outros momentos não tinha assim não mais eram trabalhos fora do nosso campo. A participação da banda de música militar de Arraias com a igreja Nossa Senhora dos Remédios era nos momentos de início dos festejos a banda quando requisitada fez trabalhos pela manhã uma alvorada festiva convidando as pessoas a participar desse momento que era abertura dos festejos que todos reuniam ali paravam em frente da igreja e aí a banda tocava o canto Nossa Senhora dos Remédios para que as pessoas pudessem participar bem do novenário. A formação foi sentido despertar nas pessoas o valor da banda da polícia militar que estando em Arraias estava interada também com as pessoas e a igreja percebendo que a polícia além do trabalho em se que eles exercem ne e também esse trabalho de ajudar com a música para as pessoas entenderem o sentido da

música então não só o trabalho do quartel e ao trabalho social também com as pessoas.

O conhecimento foi no sentido de ver uma bela música cantada e tocada vivenciada no nosso cotidiano, fizeram para nós como exemplo esse hino Nossa Senhora dos Remédios que eles tocavam, as músicas mais tocadas que eles faziam era o hino Nossa Senhora dos Remédios também cantava algo do hino da igreja fazia música do padre Zezinho e ajudava a gente

Os eventos eram que os policiais músicos participavam era quando iniciam os festejos nas alvoradas festivas ou quando algum grupo também da igreja chamavam os apostolados da oração, vicentinos eles iam lá também prestigiar também e tocavam as músicas. Eu exerci meu trabalho dia 15 de setembro de 2012 e trabalhei até 06 de fevereiro de 2022 então praticamente 09 anos de trabalho aí na paróquia Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Arraias foi um trabalho muito frutuoso graças a Deus.



Título: Uma História a se contar - Banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias/ Tocantins

Discente: Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

Guia de Entrevista ao Tenente aposentado José Pedro da Silva

Esta pesquisa tem o objetivo de contar a história da Banda Cecília da Polícia Militar de Arraias. As informações dadas aqui serão usadas para fins acadêmicos e podem ficar em repositório livre para consultas. Aproveitamos para agradecer a sua participação.

- 1) Você pode contar um pouco da história da Banda Santa Cecília?
- 2) Como era a participação da Banda na sociedade arraiana?
- 3) Qual era a formação musical dos integrantes?
- 4) De que modo os músicos contribuíam com a comunidade?
- 5) Como foi seu ingresso na Banda Santa Cecilia? Na sua percepção era para trabalhar ou fazer parte da Banda como música?
- 6) Você escolheu esse batalhão porque tinha a Banda de Música?
- 7) Você entrou nesse batalhão para trabalhar, ou especificamente se ingressar na Banda da Polícia Militar?
- 8) Como se deu o surgimento e a construção da Banda Cecília?
- 9) Naquela época existia concurso para ter os músicos, ou eram da corporação? Se vocês eram convidados para fazer parte da Banda?
- 10) Qual a importância de fazer parte de uma Banda de Música?
- 11) Qual a sua opinião em relação a desativação da Banda de Música? Se futuramente poderá reativá-lo novamente?

- 12) Há quanto tempo você se ingressou na Banda?
- 13) Qual foi a fase mais difícil e que levou a desistir de dar continuidade com as apresentações culturais desenvolvidas pela Banda de Música Santa Cecília?



Título: Uma História a se contar - Banda Santa Cecília da Polícia Militar de Arraias/ Tocantins

Discente: Vanessa Batista Cordeiro da Cunha

Transcrição da entrevista feita ao Tenente aposentado José Pedro da Silva
Entrevista realizada aos 10:00 do dia 13 de Março de 2022

Local via Google meet na Residência do

Durante a entrevista acabamos fazendo um vídeo de depoimento.

Bom dia eu me chamo José Pedro da Silva sou natural de Marechal Teodoro do Estado de Alagoas e estou aqui pra falar um pouco sobre minha iniciação musical e também a respeito da Banda de Musica da Policia Militar do Estado do Tocantins, aos 12 anos de idade aproximadamente eu recebi um convite de meu irmão mais velho pra juntos estudarmos musica a principio achei algo muito difícil e que eu seria incapaz de aprender a solfejar a musica mais os primeiros dias eu confesso foi difícil, mais eu entendo que tudo que vamos fazer geralmente o inicio e um pouco difícil mas persistimos nos passamos a perceber que somos capazes de fazer aquilo que aconteceu comigo dessa forma fui pra acontecer comigo dessa forma fui pra escola de musica em Marechal Teodoro, na Banda meu primeiro contato com a musica fui aprender a solfejar as notas musicais e a metodologia de ensino na época eu tinha aproximadamente 12 anos diferente que nos aprendemos hoje e que nos ensinamos hoje ne, no meu caso eu teria que solfejar aproximadamente 50 lições nos compassos 2 por 4, 3 por 4 e quaternário após dessas lições solfejadas, o

solfejo e você cantar as notas eu tive a oportunidade de pegar o meu primeiro instrumento que foi Trompete sibemol, com esse Trompete fui estudar todas aquelas versões que eu havia solfejado todas toquei todas as lições e após isso e que ingressei na Banda de Música, mas antes de ingressar na Banda de Música, meu Maestro chamado professor Aloísio ele percebeu em mim que eu tinha perfil pra tocar um instrumento mais grave instrumento tenor e ele me deu o Trombone de Bristol, ele mesmo me ensinou o Trombone de Bristol, passei a tocar o Trombone de Brito, deixei o Trombone de lado e com Trombone de pisto e me ingressei na Banda de Musica na sociedade musical Carlos Gomes e o Trombone de Brito fui estudando a parte teoria a parte pratica então essa foi o meu primeiro momento, primeiro encontro, primeiro contato com a musica e daí por diante eu fui desenvolvendo com ajuda dos meus professores e maestro Carlos Gomes e a partir daí e nós tivemos a oportunidade de ir para uma Banda de Musica em Porangatu do Goiás num conservatório de música nesse mini conservatório haviam músicos que me fizeram convite pra ir estudar em Porangatu numa Banda que era municipal na época de 1993 no mês de março no dia 3 de março juntamente com outros companheiros deslocamos na expectativa de um emprego como musico e esse emprego era meu sonho de ingressar nas forças militares aéreas, exercito brasileiro ou policia militar e essa pessoa que me deu essa oportunidade ela me informou que lá seria o canal pra que eu entrasse nessas forças e eu baseado no que eles me falaram saímos de Marechal Teodoro em 1993 para morar em Porangatu e tive a oportunidade de aprender o Trombone de vara e o meu professor se chamava Ciro de Brito em Porangatu ele me ensinou a tocar o Trombone de Vara com as aulas que ele me dava com a metodologia que ele me dava pra ensinar seus alunos com isso fiquei morando lá 1 ano em Porangatu nessa Banda que era sustentada pela prefeitura tinha muitos músicos de Marechal Teodoro de Pernambuco, Belo Jardim, Paraíba enfim tinha musico de vários lugares e Estado essa foi uma oportunidade que me encaminhou para que eu pudesse conseguir emprego e lá em Porangatu já havia músicos de Arraias.

Alias a banda de Arraias ela foi fundada no ano de 1993 a Banda da Policia Militar nesse ano estava em Porangatu, quando foi no ano de 1994 abriu mais um concurso para segunda turma da Banda, na primeira turma posso ate citar os nomes aqui meu amigo Tenente Sergio que hoje esta na reserva, temos também nosso amigo

Pimentel que também está na reserva e outros colegas o Major Edilson e o Tenente Gomes enfim uma turma de pessoas que saíram também do Nordeste na expectativa de um emprego ingressar na Polícia Militar do Estado do Tocantins e quando foi no mês de Fevereiro de 1994 nos tivemos a oportunidade de receber o convite desses companheiros que já estavam na polícia militar de fazer um concurso para o Tocantins cidade de Arraias por que lá o efetivo da Polícia estava bem reduzido o efetivo da Banda e lá eles deram a oportunidade de abrir mais um concurso pra fortalecer e aumentar o efetivo da Banda de Música foi ai que nos saímos de Porangatu e chegamos em Porangatu em 1993 e saímos de Porangatu para Arraias no dia 28 de Fevereiro em 1994 pra fazer esse concurso passamos por todo processo seletivo, fizemos a prova escrita, a prova psicotécnica todos os processos que estão dentro de um concurso público passamos por ele.

Na época fomos 25 pessoas nesse proposito de conseguir esse emprego, mas infelizmente 18 conseguiram passar na prova, então quando foi dia 21 de junho nós já estamos em Arraias já iniciamos o curso de soldado, e nosso curso foi em duas modalidades, curso operacional e o curso de música ou seja em 6 meses nos tivemos matérias, legislação, ordem unida e dentre outras e tivemos também algumas matérias referentes a música ou seja matérias específicas na área que nos iríamos exercer na polícia militar quando foi 17 de Dezembro de 1994 nos terminamos o curso ingressamos na polícia militar como soldados daí por diante nós começamos trabalhar como fazer apresentações, fazer convites pra tocar não só aqui no Estado do Tocantins ao redores de Arraias Novo Alegre, Combinado, Taguatinga, Paranã e nós tocamos também no Estado de Goiás a banda de música era solicitada pra tocar também em Monte Alegre lá tinha uma festa tradicional o Rei e a Rainha, o Reinado da Cachaça, tocamos também em Taguatinga a famosa Cavalhadas que era a partir no mês de Agosto se não me falhe a memória no dia 15 de Agosto dentre outras.

São Domingos tocamos todos os anos e foi passando o tempo e não se abriu mais concurso para que aumentasse o efetivo pra que a banda fosse fortalecida mas mesmo assim o efetivo era bom e diante da necessidade do serviço operacional nos faziam outras funções além das apresentações da banda de música e também o serviço operacional, e também começamos a fazer as tocatas nos apresentar como já falei e também cumprir escala de serviço operacional externo. E com isso a gente

foi se tornando muito cansativo porque fazer várias funções não era fácil mas nos entendíamos que era necessidade do serviço e aí a banda foi trabalhando e se apresentando como banda de música chegou uma época que a banda de música teve que ser desativada porque o objetivo da banda de música era a função de músico nos saímos de Porangatu nessa intensão aqueles saíram de Pernambuco pra fazer o concurso e exercer a função de músico na Banda de Música infelizmente aconteceu essas situações , mas a intenção nossa era ser músico.

Quando foi no 2017 diante a necessidade da criação dos colégios militares no estado Tocantins da Banda foi transferida para o colégio militar unidade 4 de Arraias e ali a banda de música ela exerceu várias funções , função de diretor, coordenador administrativo, coordenador disciplinar, fiscal disciplinar então essa função a banda de música assimila, com isso tinha mais possibilidade da banda ensaiar até porque nós estamos no colégio não uma sala afastada um pouco do colégio para que a banda ensaiasse e continuasse e com isso a banda foi perdendo as agendas já não tinha como enviar ofícios para que a gente apresentasse o nosso trabalho. Quando foi em 2020 foi transferida novamente pra outra escola o quartel da 1 CIPM a banda a partir dali foi desativada definitivamente isso não só eu como os outros colegas nós não concordamos com essa desativação porque a banda de música e o cartão postal da polícia militar todo lugar que a banda chega faz as suas apresentações leva a alegria pra as pessoas dá ao ambiente um toque musical que isso aí faz toda a diferença por isso foi desativada por conta do serviço ostensivo.